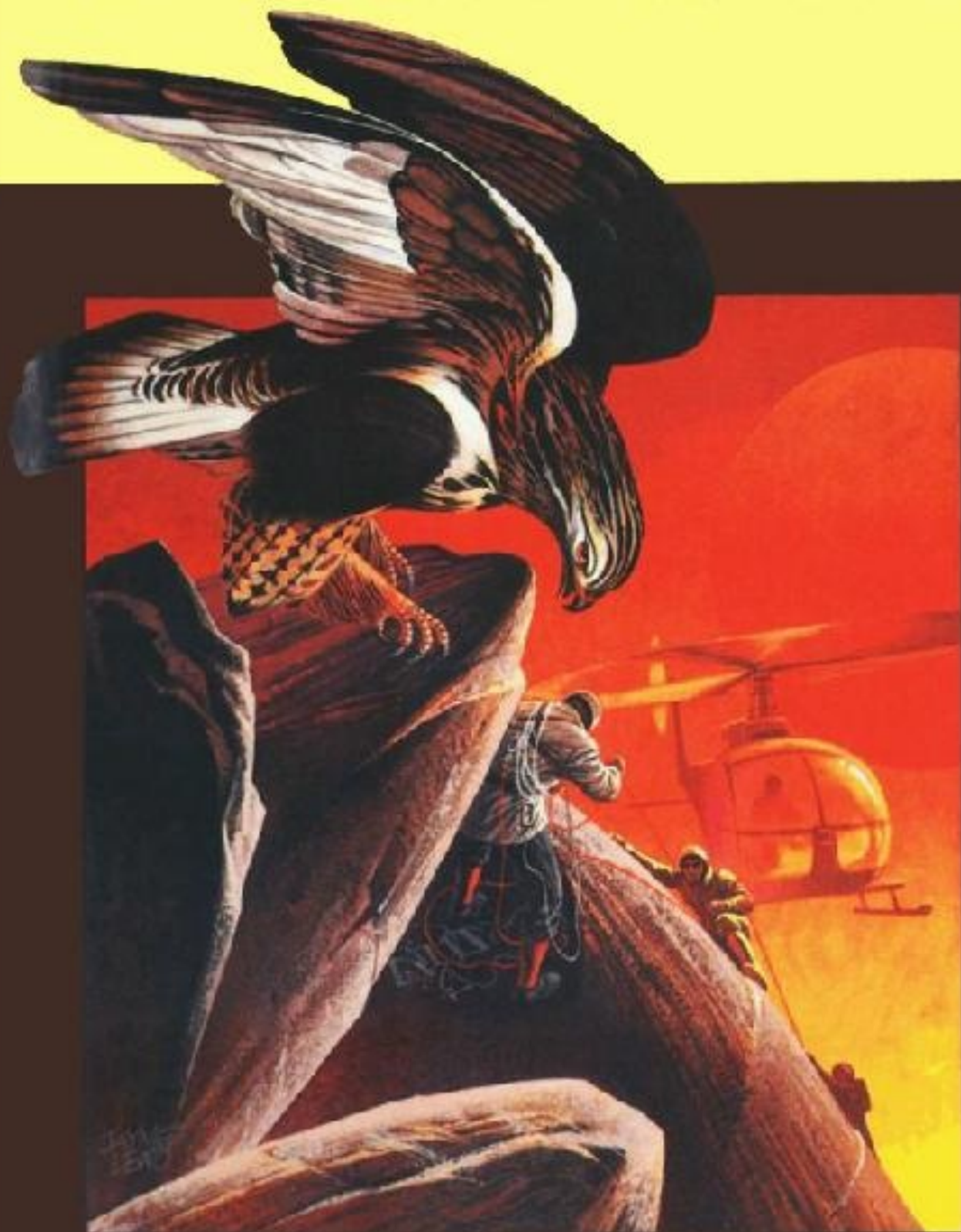


JOSÉ MAVIAEL MONTEIRO

O NINHO DOS GAVIÕES



ea
editora allen



Série Vagalume

José Mavíael Monteiro

O Ninho dos Gaviões

Digitalização de Fernanda e The Flash
Formatação de LeYtor



TEXTO

Editor

Fernando Paixão

Assistente editorial

Maria de Mello e Souza

Preparação dos originais

José Roberto Miney

Suplemento de trabalho

Laiz Barbosa de Carvalho

ARTE

Editor

Ary A. Normanha

Ilustrações

Jayme Leão

Coordenação de composição

Neide Hiromi Toyota

José Mavíael da Silva Monteiro é sergipano de Aracaju, onde nasceu em dezembro de 1931.

Embora leia e escreva ficção desde menino, seus primeiros trabalhos publicados em revistas e jornais foram de divulgação científica.

Tudo começou em sua cidade natal quando, ainda criança, brincava de apanhar gafanhotos, besouros e outros insetos, que colecionava a fim de observá-los de perto. Esse pendor levou-o mais tarde aos livros especializados e ao curso superior em História Natural, no qual graduou-se no fim da década de 50, em uma universidade de Salvador, Bahia. De lá, partiu para fazer um estágio no Museu Nacional do Rio de Janeiro, cidade em que ficou durante vinte anos, vindo a estabelecer-se depois em São Paulo, onde mora até hoje.

Apesar de cultivar na Biologia um de seus interesses favoritos - matéria que por sinal lhe serve muitas vezes de inspiração para suas histórias infanto-juvenis —, o escritor teve, ao longo de sua vida, outras profissões, como as de bancário e industriário.

Sua inclinação para a literatura provavelmente deve-se ao fato de ter nascido e crescido em casa de pai poeta, crítico literário e ensaísta, e possuidor de uma vasta biblioteca.

A predisposição em levar a público suas histórias infanto-juvenis veio em 1980, quando publicou o primeiro livro, Guerra das formigas. Depois vieram O festival dos vaga-lumes, O Conde do Toquinho e Vende-se um elefante. Pela Série Vaga-lume, da Editora Ática, foram publicados Os barcos de papel — premiado em 1984 pela Biblioteca Internacional para a Juventude, com sede em Munique — e O outro lado da ilha, livros cheios de aventura e ação, bem ao gênero do escritor.

Ao Bruno Sellmer, do Clube Alpino Paulista, deixo consignado o meu reconhecimento pela maneira prestimosa com que esclareceu minhas inúmeras dúvidas sobre o alpinismo. Suas explicações técnicas foram imprescindíveis para a feitura deste livro.

Ao Fernando Paixão, que possibilitou o contato, também o meu agradecimento, e à Marta de Mello e Souza, pela discussão do texto e oportunas sugestões.

Em 1787, Jacques Balmat fez a primeira ascensão organizada ao Monte Branco, Suíça, conduzindo dezenove pessoas. Foi o início do alpinismo.

PRIMEIRA PARTE
A MALDIÇÃO

O CLUBE AMIGOS DA MONTANHA

A reunião semanal do Clube Amigos da Montanha foi tumultuada. Normalmente, somente os sócios compareciam, mas, naquele dia, além de um número incomum de excursionistas ligados ao clube, estavam presentes também pessoas estranhas à sociedade. Isso porque, no primeiro sábado de cada mês, tais sessões eram abertas ao público em geral.

Ecologistas, esportistas, simples curiosos ou amantes da Natureza cada vez mais as frequentavam com o intuito de saber mais sobre alpinismo. Sem dúvida, o esporte vinha ganhando um número crescente de adeptos nos últimos tempos.

Na mesa de direção, junto com o presidente Ronaldo, estava seu amigo Marco Antônio, repórter da TV Panorama.

Ronaldo expunha sua ideia:

— Quero lembrar aos companheiros que, neste ano de 1987, comemoram-se duzentos anos de alpinismo. Para festejar essa data e também o aniversário de nosso clube, o amigo Marco Antônio, repórter da TV Panorama, nos faz a seguinte sugestão.

Ronaldo passou a palavra a Marco Antônio.

— A minha sugestão, pessoal, é fazer uma escalada de conquista ao pico chamado Ninho dos Gaviões, localizado na serra do Mar. Para quem não sabe, o pico está-situado quase na fronteira do Rio de Janeiro com São Paulo, em lugar de difícil acesso e por isso pouco conhecido. A TV Panorama irá filmar o evento, que será transmitido para todo o Brasil.

Oswaldo, um dos sócios, levantou a mão.

— Ronaldo, quero fazer uma pergunta.

— Pois não.

— Quem irá fazer a escalada pelo clube? Já está decidido?

— Já. Irão o Cesarone, o Élzer, a Ângela e eu — respondeu Ronaldo sem vacilar.

— A panelinha de sempre — segredou Márcia no ouvido de Alfredo, ambos sócios do clube.

— É você quem escolhe sozinho os sócios para uma escalada dessa importância? — tornou a perguntar Oswaldo com evidente irritação na voz.

— A escolha foi consenso entre os sócios que compareceram à reunião passada, o que não foi o seu caso — respondeu Ronaldo com ironia.

Pelas assinaturas no livro de presença, Oswaldo já verificara que à reunião anterior haviam comparecido apenas sete alpinistas, dos quais quatro haviam sido escolhidos para a escalada. Ele voltou a insistir.

— A sessão anterior foi representativa da opinião dos sócios? Apenas sete compareceram.

Ronaldo justificou rispidamente.

— Você sabe muito bem que, de acordo com o regulamento interno do clube, fazemos rodízio, alternando os grupos a cada excursão programada. O que está decidido, está decidido. Não vamos voltar atrás.

Fez-se silêncio entre os sócios.

Alfredo, que se mantinha inesperadamente calado, lembrou:

— O Dagomir, que é o melhor alpinista daqui do clube, compareceu à reunião passada e não foi escolhido.

A seu lado, Dagomir, com modéstia, segredou:

— Deixe pra lá, Alfredo...

Mas Márcia, prima-irmã de Oswaldo, confirmou em alto e bom som:

— É isso mesmo, Dagomir é o melhor.

Olhando para a menina com raiva, Ronaldo respondeu:

— Concordo que o companheiro Dagomir seja um de nossos melhores atletas...

— O melhor — interrompeu Márcia.

— ... mas ele estava presente à reunião e simplesmente não foi escolhido — completou

Ronaldo sem se perturbar com a interrupção.

— Foi uma escolha com cartas marcadas — Oswaldo voltou à carga.



*A decisão de Ronaldo deixou Márcia irritada:
- Não é justo selecionar os mesmos alpinistas!*

Ronaldo mexeu-se com impaciência na cadeira e falou, disposto a terminar o confronto:

— Esta é uma reunião pública do clube e acho que os problemas internos devem ser resolvidos entre nós. A decisão tomada está de acordo com o regulamento. Está encerrada a discussão. Vamos prosseguir mostrando aos sócios e ao público presente uma série de *slides* do local da escalada, assim como aspectos do caminho que nos levará até lá. Foram tirados pelo Marco Antônio, que fará a exposição.

Apagadas as luzes, foram projetados na tela os *slides*. Os primeiros mostravam aspectos da mata Atlântica, destacando a beleza da floresta virgem, a presença de várias espécies de aves, pequenos roedores, macacos, borboletas, rios em corredeiras de águas cristalinas. Marco Antônio ia falando um pouco sobre cada um, até que, chegando ao pico do Ninho dos Gaviões, passou a palavra a Ronaldo, para que este desse explicações de como se processaria a escalada.

O Ninho dos Gaviões era uma enorme pedra plantada no alto de uma serra ricamente arborizada, sobressaindo-se dali com estranha beleza. Se o lado sul, escolhido para a escalada, elevava-se como um paredão granítico quase na vertical, o lado norte, entrevisto em algumas imagens, apresentava um monte, que se perdia no meio da floresta, recortado na forma de vários degraus.

Quando Ronaldo acabou a exposição, as luzes foram acesas e ele e Marco Antônio foram saudados com uma salva de palmas.

2

QUEM TEM MEDO DE ASSOMBRAÇÃO?

A reunião estava para terminar, quando Antoninho, um dos sócios, fez uma pergunta:

— Ronaldo, por que esse pico nunca foi escalado?

— Acredito que pela sua localização. O acesso pela mata é difícil e...

Marco Antônio interrompeu com um ar de riso:

— Talvez seja por causa dos fantasmas.

— Fantasmas? — estranhou Antoninho.

— É. A localidade mais próxima é a vila de Paramim e todos lá dizem que o pico é maldito, que vêem luzes à noite e que aparecem fantasmas no cume. Existe até uma lenda sobre dois alpinistas mineiros que tentaram a escalada e caíram do alto, como se tivessem sido empurrados por alguém — explicou o repórter.

— Pode ter acontecido algum acidente — lembrou Antoninho.

— Certo, mas o curioso é que os corpos deles nunca foram encontrados, o que reforça mais a lenda de maldição.

Ronaldo encerrou a reunião:

— Mas nós não temos medo de assombrações. Iremos assim mesmo.

Todos se levantaram. Márcia, Alfredo, Oswaldo e Dagomir formaram um grupo isolado dos outros sócios e, misturando-se com os curiosos que tinham assistido à sessão, precipitaram-se para a saída.

Márcia convidou:

— Tenho uma ideia. Vamos tomar um lanche ali na esquina para conversarmos sobre o assunto?

Acompanhada dos três rapazes, a menina entrou na lanchonete e indicou um lugar para se acomodarem.

Logo depois, duas pessoas que também tinham vindo do clube sentaram-se a uma mesa próxima.

Márcia estava exaltada. Foi logo dizendo:

— Ronaldo e sua turma podem escalar o Ninho dos Gaviões, mas... depois que nós o conquistarmos. Quem vai chegar primeiro lá em cima seremos nós.

— Ih! A gatinha está enfurecida — brincou Alfredo.

— Não estou para brincadeiras. Ele está pensando o quê? Que é dono do clube? Tem de ser sempre ele e a panelinha? Sempre os mesmos? A Ângela também? Por quê?

— Está com ciúmes do namoradinho?

— Não enche, Alfredo! Não tenho mais nada com o Ronaldo.

Oswaldo apoiou:

— Concordo com Márcia. O clube não é deles.

Dagomir foi mais prudente:

— A gente tem de reconhecer que o pessoal escolhido é muito bom.

— E daí? Temos você. Ninguém é melhor — reafirmou Márcia.

— Também não é assim — contestou o rapaz com modéstia. — Tenho um pouco de experiência, mas não sou melhor que os outros. Concordo que Ronaldo merecia uma lição. Poderíamos tentar a escalada antes deles, mas não conheço o pico. Precisaria estudar bem.

Alfredo lembrou:

— Ô! Cara, quem já subiu o Dedo de Deus, sobe qualquer Ninho de Gaviões.

Referia-se ao pico denominado Dedo de Deus no Estado do Rio de Janeiro, cuja face leste é das mais difíceis escaladas do Brasil.

— Cada escalada é uma nova escalada — defendeu-se Dagomir. — Antes de tudo, precisamos de segurança. Em todo caso, pelos *slides* vistos, não me pareceu nada assustador. Em princípio, estou disposto a ir com vocês.

Alfredo levantou seu copo num brinde:

— Oba! Que o próximo brinde seja no alto do Ninho dos Gaviões!

Márcia e Oswaldo também levantaram os copos. Dagomir relutou, mas acabou aderindo:

— Se é para o bem de todos e felicidade geral do grupo, eu também vou.

— Ao Ninho dos Gaviões! — gritou Márcia.

— Ao Ninho dos Gaviões — responderam Alfredo e Dagomir.

Oswaldo advertiu:

— Falem baixo. Se a gente quer ir primeiro, tem de manejar. Segredo é a alma do negócio.

Márcia olhou em volta:

— Não tem nenhum sócio aqui.

— Sei lá. As paredes têm ouvidos — disse Oswaldo.

Enquanto pagavam a conta, a menina falou, em tom de desafio:

— Eu só queria ver a cara do Ronaldo quando chegar no alto do pico e encontrar escrito a tinta em letras bem grandes: Márcia esteve aqui!

Levantaram-se para ir embora. Na porta da lanchonete despediram-se e cada um tomou o seu rumo.

Márcia chegou em casa sem notar que alguém a havia seguido.

Dois dias depois, Márcia voltava do trabalho quando o porteiro do prédio onde morava entregou-lhe um envelope:

— Carta para você.

A menina pegou o envelope endereçado à máquina e virou-o para ver o remetente. Estava em branco. Rasgou-o e de dentro tirou um papel com a seguinte mensagem:

O NINHO DOS GAVIÕES É UMA MONTANHA MALDITA, DESISTA DA ESCALADA.
GAVIÃO NEGRO.

Durante alguns instantes, ela ficou com o bilhete na mão, sem entender bem o sentido da mensagem. Era de verdade ou gozação? Pensou em Ronaldo. Não. Não, poderia ser ele, porque Ronaldo não sabia que ela e seus amigos estavam decididos a fazer a escalada por conta própria.

— Ah! Já sei.

Pegou o telefone e discou um número.

— Alfredo?

— Oooooiii, gatinha...

— Gatinha o quê, seu desgraçado. Não gostei da sua brincadeira.

— Mas o que foi?

— Como assim, o que foi? Acha que sou débil mental? Só pode ter sido você. É o único capaz disso.

— Mas o que foi? Se você não disser, não vou ficar sabendo.

— Seu engraçadinho, o bilhete que você me mandou.

— Bilhete? Que bilhete? Pra você, eu só mandaria um bilhete de amor e não acredito que ficasse aborrecida com isso.

— Não estou brincando, Alfredo.

— Nem eu.

— Sério? Não foi você quem mandou um bilhete sobre o Ninho dos Gaviões?

— Eu não, Márcia. Sinceramente. O que dizia o bilhete?

Ela leu a mensagem.

— Não fui eu.

— E quem foi?

— Como posso saber? Isso é brincadeira de alguém.

— Quem, Alfredo? Ninguém sabe de nosso plano. Só nós quatro. O Oswaldo e o Dagomir não são de fazer esse tipo de brincadeira.

— Você não falou do nosso projeto a alguma amiga?

— A ninguém.

— Estranho, Márcia. Vou sondar o Oswaldo e o Dagomir.

— Vou falar com eles também.

Márcia desligou e foi examinar o envelope que continha a mensagem. Estava endereçado a Srta. Márcia Tavares, com a rua e o número do prédio, mas sem indicação do apartamento.

Na mesma noite, ao entrar no edifício onde morava, Ronaldo recebeu do porteiro a correspondência do dia. A maioria das cartas eram avisos bancários; havia também um folheto de propaganda e um envelope branco com seu nome datilografado, sem remetente. Abriu-o ainda no elevador, retirando um papel no qual estavam escritas estas palavras:

NÃO SE AVENTURE AO DESCONHECIDO. O NINHO DOS GAVIÕES É UMA MONTANHA MALDITA.

Ronaldo sorriu. Lembrou-se de Márcia, sua ex-namorada.

— A bobinha deve estar lendo muitos romances policiais. Eu devia guardar isso para mostrar na próxima reunião do clube. Mas para que envergonhá-la? Já que ela quer gastar dinheiro com selos, problema dela.

Amassou a carta junto com o envelope e logo que chegou no apartamento atirou tudo ao lixo, esquecendo de imediato o incidente.

6

OS DETETIVES

No outro dia à tarde, Márcia, Oswaldo, Alfredo e Dagomir reuniram-se em volta de um envelope e de um bilhete datilografado, examinando-os sob todos os aspectos, em busca de uma solução. Se a mensagem recebida por Ronaldo não lhe causara a mínima preocupação, Márcia, pelo contrário, ficara impressionada por não conseguir saber quem teria sido capaz de lhe mandar o bilhete.

Depois de muito discutirem, continuavam na mesma.

Os sócios do clube, evidentemente, eram os principais suspeitos. Todos foram absolvidos por uma razão muito clara: nenhum deles sabia que o grupo tinha intenções de escalar a montanha. A resolução tinha ficado entre os quatro e o segredo mantido até para os amigos mais íntimos. A carta fora postada na agência central do Correio, o que não esclarecia nada. O fato do endereço incompleto também não levava a pista alguma.

Alfredo resumiu toda a soma de investigações, deduções, intuições e perquirições:

— Nada elevado a zero. Como detetives, somos ótimos alpinistas. Se fôssemos Sherlock Holmes, acabaríamos na cadeia, e os bandidos, na rua.

Oswaldo sugeriu:

— Vamos esquecer este bilhete, já que não tem maior importância, e tratemos de nossa escalada. Faltam menos de trinta dias para a data marcada pelo Ronaldo, o que significa que para nós faltam apenas vinte dias.

Alfredo concordou dirigindo-se a Márcia:

— Pois é, broto, vamos esfriar a cuca e partir para o que interessa. Rasgue este bilhete e sigamos em frente.

Apanhou a mensagem de cima da mesa, junto com o envelope, rasgou tudo sob os olhares meio desconfiados da menina e jogou fora.

Dagomir retomou a conversa.

— A primeira providência será um estudo apurado da região e principalmente do pico.

Oswaldo sugeriu ao grupo:

— Dagomir e eu poderíamos ir ao clube e rever os *slides* que Ronaldo projetou.

— Combinado — assentiu Dagomir. — Amanhã às dez horas.

— Amanhã não posso. Sexta-feira às dez — pediu Oswaldo.

UMA ADVERTÊNCIA

Nesse mesmo dia, Marco Antônio folheava o Correio de São Paulo, quando se deparou com um artigo assinado pela Sociedade Ecológica Sul-Americana — Sesa —, intitulado: “AMEAÇA AO NINHO DOS GAVIÕES”. E, como subtítulo, em corpo menor: “crime contra a Natureza”.

O repórter leu com interesse:

A mata Atlântica, na época do Descobrimento do Brasil, estendia-se do Rio Grande do Norte ao extremo sul, formando uma cortina verde ao longo de todo o litoral do País. Hoje nada mais resta senão pequenos bosques nos Estados do Espírito Santo Rio de Janeiro e São Paulo, representando menos de 5% da mata original. A inconsequência do homem destruiu, em apenas quatrocentos anos, uma imensa floresta que a Natureza levou milhões de anos para criar.

Como se isso não bastasse, tomamos conhecimento de que um certo clube, cuja atividade aparente é a contemplação e a conservação da Natureza, pretende perpetrar mais um crime contra esta mesma Natureza, escalando um pico no seio da mata virgem, com a finalidade escusa de fazer dali um ponto turístico com todas as consequências malignas previsíveis. Depois deles, outros virão. A mata invadida pelos turistas de fins de semana e pelos investidores gananciosos cedo dará lugar aos empreendimentos imobiliários.

Antes que o mal aconteça, alertamos as autoridades responsáveis pela preservação da Natureza para que mais essa ameaça não se concretize.

ass. Luís Enrigo de Sutiis Gama

Pres. da Sociedade Ecológica Sul-Americana

Quando acabou de ler, Marco Antônio tinha um sorriso nos lábios. Telefonou para Ronaldo:

— Leu o Correio de São Paulo hoje?

— Não. De que se trata?

— Veja na página seis uma matéria paga de uma tal Sociedade Ecológica Sul-Americana, da qual nunca ouvi falar, dizendo que, escalando o Ninho dos Gaviões, você está ameaçando a mata Atlântica.

— Estão loucos. Fazer alpinismo é integrar-se à Natureza, é amá-la e, acima de tudo, defendê-la — retrucou Ronaldo.

— Também acho e, se quer saber minha opinião: esqueça o assunto. Não merece resposta, nem mesmo atenção. Telefonei apenas para lhe dar a notícia.

Na noite do dia seguinte, Alfredo acabava de tomar banho quando o telefone tocou:

— Alfredo?

— Oi, broto, já está com saudades de mim?

— Alfredo, acabe logo com essa brincadeira de bilhetinhos, que está me deixando nervosa.

— Você recebeu outro bilhete?

— Que é que você acha? Agora com ameaça. Escute aí: “Você correrá perigo no Ninho dos Gaviões. Está na hora de desistir. Não insista. Gavião Negro”. Sério mesmo, Alfredo, não foi você?

— Juro, Márcia, que não fui eu. É alguém querendo brincar ou algum paquera que está com ciúmes de você fazer a escalada comigo.

— Você não diz uma coisa que não seja brincadeira, Alfredo. Estou ficando assustada. Nem falei para minha mãe, senão ela não deixa eu ir.

— Não esquite a cabeça, gatinha. Rasgue tudo, toque fogo e depois jogue as cinzas no mar. Esqueça, pronto. Aliás, cartas anônimas a gente não deve nem ler.

— Alfredo, eu acho que vou à polícia.

— Você é maluca, menina? Isso é caso de polícia? Vão mandar você para o hospício. Faça o que eu disse: vá ouvir uma música bem relaxante, depois durma e sonhe com os anjos... escute, eu sou um anjo, viu?

Ela acabou sorrindo: — Tchau, maluco.

Na sexta-feira, quando Oswaldo e Dagomir chegaram ao clube, antes das dez horas, encontraram dois carros da polícia estacionados bem em frente. Um guarda barrou-lhes a entrada:

— Ninguém pode entrar.

— Somos sócios do clube — esclareceu Oswaldo.

— São ordens. Ninguém pode entrar — repetiu o guarda.

— Mas o que aconteceu?

— O clube foi assaltado a noite passada.

— Assaltado? E o que roubaram?

— Não sei — respondeu o guarda, que não era de muita conversa.

— Faça o favor de chamar Ronaldo, o presidente do clube. Ele está aí — insistiu Oswaldo.

— Só falando com o sargento.

— Nós falamos com ele.

O soldado entrou, trancou a porta por dentro, mas logo depois voltava acompanhado do sargento e de Ronaldo, que autorizou a entrada.

— O que houve? — quis saber Oswaldo.

— Fomos assaltados. Alguém rebentou a janela do fundo e penetrou no clube — esclareceu Ronaldo de má vontade.

— Roubaram muita coisa?

— Estamos fazendo o levantamento. Parece que levaram duas máquinas fotográficas e

mais coleções de fotografias e de *slides*.

Dagomir espantou-se:

— *Slides*, fotografias? Para quê?

— É o que precisamos saber.

Ronaldo fitava Dagomir e Oswaldo insistentemente. Oswaldo perguntou:

— Quem lhe avisou do roubo?

— O Argeu. Quando ele chegou, hoje de manhã cedo, encontrou a sala do arquivo toda bagunçada. Venham ver.



Oswaldo e Dagomir ficaram perplexos, a sala do arquivo parecia ter sido atingida por um furacão.

Acompanhados do sargento, foram entrando e caminhando em direção a uma sala à esquerda, que estava com a porta fechada. O sargento abriu-a, advertindo:

— Não toquem em nada, pois estamos fazendo o levantamento pericial.

Da porta, Oswaldo e Dagomir viram o grande armário de aço com as portas escancaradas, e tudo que lá existia, álbuns, fotos, *slides*, papéis, pastas, documentos, desenhos, mapas, livros, troféus, espalhado por todos os cantos, por cima do balcão, das cadeiras, no chão. A máquina de escrever estava no lugar, assim como dois grandes óculos de

alcance, que não haviam sido levados.

Dois técnicos da polícia acompanhavam o trabalho de Argeu, que, excessivamente nervoso, fazia o levantamento de tudo o que estava faltando. A pesquisa inicial dos técnicos em busca de uma pista, impressões digitais, objetos esquecidos, resultara infrutífera.

O restante do clube estava intacto. Nem o depósito onde guardavam todos os apetrechos para as escaladas, nem mesmo a sala da tesouraria haviam sido tocados. Ficava claro que o ladrão não só conhecia o clube internamente, como ali entrara com uma intenção bem definida.

Logo depois chegou Marco Antônio, o repórter da TV Panorama, com seu caderno de anotações.

10

NA DELEGACIA POLICIAL

O sargento fez questão que, além de Ronaldo e Argeu, Oswaldo e Dagomir também comparecessem à delegacia. Os depoimentos, perante o delegado Santini, foram tomados individualmente.

Argeu foi o primeiro. Contou que sempre abria o clube pela manhã e que, naquele dia, quando entrou, notou que a sala do arquivo estava completamente revirada. Teve o cuidado de telefonar imediatamente para Ronaldo, que chegou em quinze minutos e chamou a polícia em seguida. Acrescentou:

— Como a porta da frente estava fechada a chave, fui até os fundos e descobri a janela da cozinha rebentada.

Declarou também que, segundo o levantamento feito junto com os técnicos peritos, os objetos faltantes eram os seguintes: duas máquinas fotográficas, uma do clube e outra particular, sua, que guardava ali, mais dois álbuns de fotografias e duas coleções de *slides*.

— Os álbuns continham fotos sobre o quê? — perguntou o delegado.

— Um deles apresentava fotos de sócios do clube em escaladas diversas e o outro mostrava um pico chamado Ninho dos Gaviões.

— O que esse pico tem de especial? Alguma particularidade?

— É um pico na serra do Mar. Eu acho que o clube vai fazer uma escalada lá.

— Você acha?

— Eu apenas trabalho no clube. Não participo das escaladas. Depois de realizadas as excursões, eu arquivo as fotos, os *slides*, os filmes etc. Seu Ronaldo poderá esclarecer melhor.

— E as coleções de *slides*?

— As duas eram sobre o Ninho dos Gaviões.

— Estranho. Por que esse interesse no Ninho dos Gaviões? Algum sócio tinha lhe pedido anteriormente essas coleções de *slides*?

— Não, senhor.

— Uma última pergunta: os negativos das fotografias do álbum também foram roubados?

— Não, senhor. O arquivo de negativos também foi remexido, mas, como o material ainda não estava etiquetado, não devem ter achado.

— Muito bem. É o suficiente. Pode ir.

Ronaldo foi o segundo a depor. Confirmou as informações dadas por Argeu quanto às

circunstâncias da descoberta do arrombamento do clube. Depois, o delegado perguntou:

— Segundo o levantamento feito, apesar de existirem vários objetos de valor no clube, como televisão, vídeo, máquina filmadora, máquinas de escrever, óculos de alcance, os únicos objetos levados foram duas máquinas fotográficas de menor importância. Os ladrões, entretanto, fizeram questão de revirar todo o arquivo para levar, finalmente, dois álbuns de fotografias e duas coleções de *slides*. Não é estranho?

— Claro.

— Um dos álbuns e as duas coleções de *slides* referiam-se ao Ninho dos Gaviões. O senhor tem alguma explicação para o caso?

— Não. O Ninho dos Gaviões será a nossa próxima escalada de conquista em comemoração do aniversário do clube e do bicentenário do alpinismo.

— Alguém teria interesse em prejudicar a escalada?

— Que eu saiba, não.

— Algum clube concorrente?

— Acredito que não. Temos ótimo relacionamento com todos. Não existe o espírito de competição como em outros esportes.

— Todos os membros do clube vão fazer a escalada?

Ronaldo sorriu:

— As escaladas são sempre feitas por poucos participantes.

— Quantos irão ao Ninho dos Gaviões?

— Apenas quatro.

— Dentre os sócios do clube só esses quatro escolhidos são capazes?

— Claro que não. Temos muitos bons alpinistas lá.

— Que outros poderiam também participar?

— Vários. O Dagomir, que está aí esperando para depor, é um de nossos melhores alpinistas. O Oswaldo, que também está aí, o Armandinho, o Carlos, muitos outros...

— Tudo bem. Você está dispensado.

Dagomir entrou na sala do delegado. Depois de ser identificado, como os outros, o delegado perguntou:

— O presidente do clube, Ronaldo, disse que o senhor é um dos melhores alpinistas, um homem que gosta de enfrentar desafios. Disse-me que o clube vai fazer uma escalada de conquista e que você estará fora dela. Por quê? O que ele tem contra você?

— Nada.

— Por que você não foi escolhido, então?

— A cada escalada vai um determinado grupo de sócios. Seria impossível que todos participassem de todas as excursões.

— Mas essa é importante. Não o incomoda não ter sido escolhido?

Dagomir pensou bem antes de responder. Notou que o delegado estava querendo envolvê-lo no caso.

— Não. O Ninho dos Gaviões não acrescentará nada à minha carreira. Já fiz escaladas muito mais difíceis. Essa seria um passeio.

— Só uma última pergunta — disse o delegado pensativo. — Você costuma ir durante a semana, pela manhã, ao clube?

Dagomir e Oswaldo esperavam por essa pergunta e por isso tinham combinado a resposta previamente.

— Eu não fui ao clube. Ia passando, quando notei os carros da polícia e vi que havia acontecido algo.

Oswaldo foi o último a prestar depoimento. O delegado limitou-se a procurar saber a quem interessaria uma série de fotografias sobre o Ninho dos Gaviões. Naturalmente Oswaldo não soube, ou não quis responder. Dizer que ele próprio e Dagomir estavam interessados seria quase uma confissão de culpa.

O delegado repetiu a pergunta já feita a Dagomir:

— Você costuma ir ao clube durante a semana e pela manhã?

— Eu não fui ao clube. Dagomir e eu íamos passando, quando vimos movimentação na porta: pessoas, polícia. Claro que tínhamos de saber o que estava acontecendo.

— Você costuma passar por aquela rua todos os dias? — tornou o delegado, olhando a ficha de identificação de Oswaldo. — O clube está completamente fora do seu roteiro de casa e trabalho.

— Eu não passo por lá todos os dias.

— E o que foi fazer lá justamente hoje?

— O Dagomir pediu-me para acompanhá-lo numas compras que ia fazer no *shopping*. Ele vai se casar no próximo mês.

11 DISCUSSÃO

Só à noite Dagomir e Oswaldo foram ao apartamento de Márcia, junto com Alfredo, contar os acontecimentos do dia. Ela os levou para o jardim do prédio, onde podiam conversar mais livremente.

Márcia estava exaltada:

— Esse roubo é de mentira. Aposto que é obra do próprio Ronaldo.

— Que é isso, Márcia? Você acha que ele iria se arriscar metendo a polícia no meio? Não acredito — discordou Dagomir.

— E quem foi, então? Quem teria interesse em roubar as fotos do Ninho dos Gaviões? Quem? Só ele que quer ficar famoso, aparecer na televisão... Parece até que vai conquistar o Everest... É uma maneira de impedir que outros tentem a escalada.

— Não acredito que ele seja capaz disso — tornou a repetir Dagomir.

— Olhe aí, Dago, você mesmo é uma vítima. Está sendo acusado do roubo e ainda defende o pilantra. E os bilhetes de ameaça que eu recebi, vocês contaram ao delegado?

— Nem me lembrei — confessou Dagomir.

— Eu me lembrei, mas não falei nada. Para que complicar mais as coisas?

— ponderou Oswaldo.

— Quem mandou os bilhetes e roubou o clube, com certeza, foi a mesma pessoa, Oswaldo — reagiu Márcia. — Você devia ter contado ao delegado.

— Para envolver você também no caso? Para você ser chamada a prestar depoimento?

— E daí? Eu vou.

— Vá e diga que também estamos interessados na excursão e nos filmes, por isso faltamos ao trabalho e fomos ao clube buscar os *slides* — respondeu Oswaldo.

— Aí, o delegado... Nhac!, prende todo mundo — concluiu Alfredo, que estivera calado até então. — Com a polícia não se brinca. Nós não temos nada com o caso, por isso acho que devemos manter a cuca fresca e ir em frente. O roubo só pode ter sido praticado por gente de lá do clube. Ladrão verdadeiro teria levado videocassete, filmadora, televisão, tanta coisa mais

O ESPORTE PERIGOSO

No dia seguinte, à noite, Ronaldo e Marco Antônio encontraram-se num bar perto do clube para conversar sobre alpinismo.

Entretanto, o assunto recaiu primeiro sobre o roubo do clube. A certa altura, Marco Antônio perguntou:

— O que é que você acha do Oswaldo e Dagomir estarem no clube justo no dia do roubo?

— Pois é. Para azar meu, os caras apareceram exatamente na hora.

— Por que azar seu?

— Porque vão dizer que não cuido do patrimônio do clube, que está tudo nas mãos dos ladrões.

Marco Antônio insistiu novamente:

— Ronaldo, você não acha muita coincidência eles passarem exatamente naquela hora?

— Já pensei nisso. Não sei o que foram fazer lá, mas não acredito que tenham sido capazes do roubo.

— Naquele dia da reunião, o Oswaldo e a Márcia mostraram-se muito interessados na escalada e até despeitados porque você não os convidou. Eles podem estar planejando fazer uma escalada antes de você e por isso invadiram o clube e roubaram as fotos.

— Está lógico demais para ser verdade — contestou Ronaldo. — Além do mais, o caso já está com a polícia. Vamos deixar as desconfianças de lado e falar sobre o que nos interessa: alpinismo.

Marco Antônio queria detalhes sobre o esporte para complementar a reportagem da TV Panorama e, a cada pergunta feita, Ronaldo respondia com um “discurso”. Finalmente, o repórter perguntou:

— Aqui para nós, o alpinismo não é um esporte perigoso?

— Não. Não é, desde que você seja disciplinado e siga todas as orientações. É um esporte que, acima de tudo, faz você acreditar em si mesmo, nas suas possibilidades...

Foi interrompido por uma gritaria que surgiu no balcão. Dois homens: um, visivelmente bêbado, recusava-se a sair, enquanto o outro puxava-o pelo braço:

— Vamos para casa...

— Vá você sozinho...

— Você está bêbado, vamos... — insistia o que estava sóbrio.

— Agora não... vou tomar mais uma... — respondeu o bêbado.

— Você vai tomar é um banho... — o outro segurou-o com força e o arrastou para fora do balcão.

O bêbado livrou o braço preso, apanhou uma garrafa de cerveja que estava numa mesa próxima e investiu contra o amigo, dizendo:

— Quem vai tomar um banho é você...

O outro deu dois passos para o lado onde estavam Ronaldo e Marco Antônio, que, assustados, levantaram-se às pressas. No mesmo instante, a garrafa de cerveja, atirada pelo bêbado, passou raspando a cabeça de Ronaldo, indo espatifar-se no chão. O líquido

espalhou-se, salpicando os dois amigos e mais alguns clientes que estavam próximos.



A garrafa foi atirada com violência na direção de Ronando que, por sorte, desviou a tempo.

O amigo do bêbado correu para ele, segurou-o e, ajudado por um garçom, levou-o porta afora.

As conversas no bar passaram a girar em torno do incidente e um rapaz que estava próximo à mesa de Ronaldo comentou:

— Parece até que ele jogou a garrafa de propósito no senhor.

Ronaldo respondeu:

— Não o conheço, mas por pouco não pega em mim.

Mais tarde, já calmos e refeitos do susto, retomaram o assunto do alpinismo. Ronaldo comentou com Marco Antônio:

— Mais perigoso do que escalar montanhas é estar aqui na cidade. Lá em cima não existem bêbados. Esporte perigoso é este aqui.

Ao chegar em casa naquela noite, Ronaldo encontrou entre a sua correspondência um envelope branco, sem remetente, o que o levou a abri-lo em primeiro lugar. Leu:

ISTO É UM AVISO. ESQUEÇA O NINHO DOS GAVIÕES. NÃO FALE A NINGUÉM DESTA MENSAGEM. PERIGO DE VIDA.

O primeiro impulso foi rasgar o bilhete, como tinha feito com o anterior, mas conteve-se. Se era brincadeira, estava passando dos limites; se era de verdade, precisava tomar alguma providência.

No outro dia, encontrou-se com Marco Antônio, seu amigo de confiança:

— Olhe aí, Marco, outra vez um bilhetinho.

— Que bilhetinho?

— Os bilhetinhos misteriosos que alguém está me mandando. Não tinha lhe falado antes?

Esse é o segundo, o primeiro rasguei.

O amigo pegou o papel, revirou de um lado para outro, olhou o envelope, devolveu tudo a Ronaldo. Perguntou:

— Qual é a sua suspeita?

— Não sei. Acredito mais que seja uma brincadeira... da Márcia, talvez.

Marco Antônio ficou calado algum tempo, depois disse:

— Estive pensando naquele bêbado que quase lhe arrebenta a cabeça com uma garrafa de cerveja. Não teria sido proposital?

— Como?

— O cara não estava bêbado. Ele e o amigo chegaram depois de nós. Não sei o que beberam, mas é preciso ser muito fraco para dar um vexame daqueles em tão pouco tempo. Ainda mais, ele veio direto para a nossa mesa e atirou a garrafa, que por um triz não pegou em sua cabeça. Foi de propósito, Ronaldo.

— Acho que você tem razão. Aliás, aquele rapaz no bar pensou a mesma coisa. Não foi um acidente.

Marco Antônio fez uma pausa e de repente teve um estalo:

— Sabe de uma coisa? Eu conheço aquele cara. Já o vi em algum lugar... não me lembro onde... mas não me é desconhecido.

— Não me recordo de tê-lo visto antes.

— Vou voltar lá no bar e perguntar ao garçom o que ele bebeu naquela noite. Enquanto isso, vou tentando me lembrar de onde o conheço.

Na terça-feira à noite, Márcia, Alfredo, Dagomir e Oswaldo encontraram-se para discutir a escalada.

— Tudo em cima? — perguntou Alfredo.

— Ainda não — respondeu Oswaldo, sorrindo. — Ainda estamos cá embaixo, mas breve estaremos lá em cima. Agora falando a sério. No trabalho está tudo certo porque tenho direito a férias. Pedi uma semana.

— Eu também — confirmou Alfredo. E virando-se para Márcia: — E a gatinha, está pronta para enfrentar os gaviões?

— Comigo está tudo OK.

Dagomir foi o mais prudente:

— Já que não temos meios mais adequados para avaliar o pico porque as fotos e os *slides* sumiram misteriosamente, devemos planejar com muito cuidado. Vamos fazer uma relação cuidadosa de tudo, para que não falte nada, inclusive prevendo dificuldades maiores do que as reais. Oswaldo, vá tomando nota enquanto nós vamos falando.

— Uma lata de tinta vermelha — começou Márcia.

— Pra que a tinta? — perguntou Dagomir.

— Para escrever lá em cima, bem grande: “MÁRCIA ESTEVE AQUI”.

Todos riram. Ela ficou séria:

— Não estou brincando, vou escrever numa pedra, bem grande.

— O que faz uma dor-de-cotovelo! — brincou Alfredo.

— Não é isso. É que o Ronaldo quer fazer um carnaval com essa escalada, parece que é a coisa mais importante do mundo. Imagine a cara dele quando chegar lá em cima cantando vitória, diante das câmaras de televisão, e encontrar escrito na pedra: “MÁRCIA ESTEVE AQUI”.

Oswaldo estava pensativo:

— Será que ele vai se surpreender mesmo? Será que ele já não está desconfiado de que vamos fazer a escalada? Tenho pensado muito no roubo do clube e só ele teria interesse em retirar as fotos para que ninguém visse.

Alfredo desviou a conversa:

— Não adianta a gente ficar pensando nisso. Vamos planejar a nossa escalada e pronto. Mestre Dagomir, vá dizendo aí o que se tem de levar.

Enquanto Dagomir falava, Oswaldo ia tomando nota. Vez por outra um dos excursionistas se lembrava de algo necessário. Além do material para a escalada, teriam de levar suprimentos para a caminhada no meio da mata virgem, desde a vila de Paramim até o sopé do morro. Pelos cálculos deveriam acampar uma noite na mata e outra no alto do pico.

Marco Antônio havia telefonado para que Ronaldo fosse até sua casa.

— Quero mostrar-lhe algumas coisas.

Ronaldo chegou, o amigo foi logo contando:

— Estive no bar e conversei com o garçom que atendeu o bêbado, ou o pretenso bêbado, aquela noite. O cara só tomou uma dose de vodca, nada mais. O garçom acha que ele já tinha chegado bêbado, mas não acredito. Cada vez me convenço mais de que a agressão foi proposital. Olhe isto aqui.

Marco Antônio apanhou um envelope de fotos e mostrou as duas primeiras a Ronaldo.

— Veja se descobre alguma coisa.

Eram fotos da reunião do Clube Amigos da Montanha, nas quais apareciam tomadas gerais do público. Lá estavam César, Élzer, Oswaldo, Márcia, Cesarone, Ângela e...

— Espere aí... esse cara...

— É o próprio — confirmou Marco Antônio. — Tenho certeza que é o bêbado que lhe acertou. Sou bom fisionomista.

Ronaldo mantinha os olhos presos à foto:

— Realmente, se parece com ele.

— Não tenho dúvida. Quem é?

— Não conheço. Não é sócio do clube. Como aquela sessão foi aberta ao público em geral, ele estava lá. Por que iria me agredir? Não o conheço e nem me lembro de tê-lo visto antes, lá no clube. Só se a cena do bêbado foi por engano.

— Ou proposital, mandada por outra pessoa — insinuou Marco Antônio.

— Quem?

— Lembra-se do artigo que saiu no Correio de São Paulo, assinado por uma tal Sociedade Ecológica?

— Que tem isso? — perguntou Ronaldo.

— Será que não foram aqueles malucos que o mandaram agredir?

— Não acredito.

— Você acha que todo mundo é bonzinho. Vou investigar por conta própria, saber quem é aquele pessoal. Tenho o artigo arquivado — falou Marco Antônio com segurança.

Levantou-se, foi até o escritório, voltou com um papel na mão e o catálogo telefônico na outra. Sentou-se e abriu o catálogo procurando um nome:

— Sociedade Ecológica Sul-Americana... Ué? Não tem telefone?

— Veja o nome do presidente que assinou o artigo — sugeriu Ronaldo.

— Ah!, sim. Luís Enrigo de Sutis Gama... Nada, também.

— Pode ser alguma sociedade nova, que ainda não conste do catálogo.

Marco Antônio teve outra ideia:

— Vou telefonar para um amigo meu do Correio de São Paulo para que me forneça o endereço da tal sociedade. Quem sabe se essa não é a pista inclusive para as cartas anônimas e o roubo do clube?

O amigo de Marco Antônio não foi encontrado aquela noite e Ronaldo concluiu, brincando:

— Vou acabar pedindo proteção de vida à polícia. Marco Antônio acrescentou com um sorriso:

— É a maldição do Ninho dos Gaviões.

Logo que saltou do carro, Tânia, noiva de Dagomir, foi perguntando dengosamente:

— Não vai ficar com saudades de mim?

— Claro, querida, mas é só um pouquinho. Vou ficar fora três, quatro dias apenas.

— Promete que vai ter cuidado? — insistiu a menina.

— Vou voltar inteirinho. A escalada não tem lances tão difíceis. Ronaldo quer só a promoção do clube e de si próprio, e a Márcia está nessa apenas por capricho.

— E você atrás dos caprichos dela.

— Está com ciúme? — perguntou Dagomir rindo.

— Morro de ciúme.

— Então vou lhe dar um remédio: tomou “beijil”, ciúme sumiu.

Dagomir abraçou Tânia e deu-lhe um demorado beijo. Iam a um barzinho que costumavam frequentar, onde podiam conversar a sós, esquecendo o mundo lá fora. O rapaz deixara o carro num estacionamento um pouco distante. Assim podiam andar de mãos dadas, devagarinho, no passo medido dos namorados, sem contar o tempo, coisa que vai desaparecendo nas grandes cidades.

Dagomir ia próximo à guia, enquanto Tânia conservava-se no lado interno da calçada. Conversavam sobre o casamento, que estava marcado para o próximo mês, quando um fusca branco que vinha em alta velocidade desgovernou-se e subiu na calçada. Dagomir deu um pulo para o lado, mas o carro alcançou-o de raspão, jogando-o ao solo. Com o impacto, o rapaz arrastou a noiva na queda. Antes que tentassem qualquer reação, o carro já retomava o leito da rua e desaparecia dobrando a primeira esquina, cantando pneus, sem parar para dar socorro.

Logo, algumas pessoas que passavam correram para dar assistência ao casal. O espanto era unânime:

— Que maluco! Nem parou para socorrer!

— Não deve ter carta de motorista.

— Ou é carro roubado.

— Ou estava bêbado. Ninguém mais tem segurança nesta cidade.

Os comentários se repetiam, enquanto um casal de meia-idade auxiliavam Dagomir e Tânia a se levantar. Ele sentia violentas dores no braço direito, que aguentara a queda, e na perna esquerda, que fora atingida pelo pára-choque.

— Quer que levemos vocês ao pronto-socorro? — ofereceu-se o homem.

— Acho que não precisa... Uiiii — gemeu Dagomir. — Eu estou com o carro ali no estacionamento.

— Mas o senhor não está em condições de dirigir.

Dagomir notou que tinha dificuldade em mover a mão direita e sentia dores terríveis. Apoiou-se no muro da casa em frente. A perna esquerda incomodava bastante. Tânia sofrera apenas leves escoriações, pois caíra arrastada pelo noivo. Dagomir agradeceu o oferecimento do casal:

— Obrigado pela atenção, mas minha noiva pode me levar.

— Eu vou buscar o carro — prontificou-se Tânia. — Já estou bem.

Enquanto o casal desconhecido ficava fazendo companhia ao rapaz, Tânia foi buscar o carro, mas logo depois estava de volta. Com dificuldade, Dagomir caminhou até o automóvel e sentou-se no banco ao lado da motorista. Agradeceu mais uma vez ao casal, e Tânia arrancou em direção ao pronto- socorro do bairro.

Passado o susto, Dagomir lamentou-se:

— Ô! Tânia, logo agora, quase na véspera da escalada ao Ninho dos Gaviões. Parece até coisa proposital.

— Há males que vêm para bem, Dagomir. Quem sabe se não é um aviso para você não ir?

Ele sorriu:



Num piscar de olhos, um fusca desgovernado subiu na calçada, atirando Dagomir e Tânia ao chão.

— Também não precisa exagerar! Além disso, também é quase véspera de nosso casamento. Pode ser um aviso de que não vai dar certo...

Ela sorriu:

— Quer desistir, Dago?

— Agora já estou seduzido, não tem mais jeito.

Quis abraçá-la, mas soltou um grito de dor.

— Aiiiii!

— Castigo, Dago, pelos seus maus pensamentos.

— Por falar em mau pensamento, eu estou desconfiado deste acidente, Tânia. O cara subir na calçada e depois fugir...

— A cidade está cheia de malucos, de irresponsáveis — e apontando à frente: — Olhe lá o pronto-socorro.

Marco Antônio conseguiu o endereço da Sociedade Ecológica Sul- Americana: rua Júlio Simas, 118. Abriu o guia da cidade para procurar onde ficava a tal rua. Não existia. Telefonou para a Prefeitura Municipal, pois poderia ser rua nova. Não havia em São Paulo uma rua chamada Júlio Simas. Ligou para Ronaldo e foi logo dizendo:

— A tal Sociedade Ecológica é uma farsa. Não existe.

— Eu estava começando a desconfiar — respondeu Ronaldo.

— Parece que tem alguém ou algum grupo interessado em tumultuar — insinuou Marco Antônio.

— Não sei com que intenção — respondeu Ronaldo e completou: — Para você é bom, pode dar uma boa reportagem.

— Se sairmos vivos disso tudo — retrucou Marco Antônio rindo, lembrando-se do caso do bêbado.

18

NO PRONTO-SOCORRO

Tânia, apesar de nervosa, conseguiu conduzir o carro até o pronto- socorro mais próximo. As suas contusões, simples arranhaduras, foram logo medicadas; mas o braço torcido de Dagomir e a profunda dor na perna fizeram com que os médicos desaparecessem com ele no branco corredor do hospital, deixando a moça em companhia da aflição e da incerteza.

Tânia prestou o depoimento de como se dera o acidente no pronto- socorro mesmo e só aí atinou que ninguém tomara nota da chapa do carro. Lembrava-se, apenas, que era um fusca branco. Acrescentou:

— Pensávamos que ia parar para dar socorro. Nada. Virou a esquina e desapareceu com velocidade.

— Teria sido de propósito ou acidente? — perguntou o policial de plantão.

— Não sei. O Dagomir não tem inimigos, nem eu.

Terminado o rápido depoimento, Tânia sentou-se num banco para aguardar o noivo. Trinta minutos, quarenta, uma hora, hora-e-meia, duas horas. A longa espera...

Finalmente apareceu Dagomir, amparado por um enfermeiro. Tinha uma perna e um braço engessados.

— A perna sofreu apenas uma distensão muscular, que em breve desaparecerá. Mas... houve fratura dos dois ossos do antebraço, o rádio e o cúbito. Terá de ficar engessado por uns tempos.

Tânia desabou no choro. Dagomir tentou consolar e ainda brincou:

— Vamos telefonar para minha casa, avisando. Se me virem chegar fantasiado de múmia, vão morrer de susto.

19

TUDO PRONTO!

Era sábado e conforme o combinado os quatro amigos reuniram-se na casa de Dagomir. Este, deitado, com um braço e uma perna engessados, contou com detalhes tudo o que havia acontecido na noite anterior. Depois, ele mesmo mudou o rumo da conversa:

— Agora vamos tratar da escalada ao Ninho dos Gaviões... Oswaldo interrompeu:

— Desde o começo planejamos tudo juntos, Dagomir. Devido ao acidente, eu sugiro que a gente desista da escalada. Quando você ficar bom, podemos comemorar lá no Ninho dos Gaviões ou em outro lugar qualquer.

— Aprovado — concordou Alfredo.

— É... É melhor adiarmos — assentiu Márcia sem muito convencimento.

— De jeito nenhum! De jeito nenhum! — reagiu Dagomir. Agora, mais do que nunca, vocês devem fazer a conquista do Ninho dos Gaviões. Será como se eu estivesse presente.

— Mas, Dago, já estava tudo planejado, nós íamos em duas cordadas. Eu e você em uma e na outra o Oswaldo e o Alfredo — argumentou Márcia.

— Isso não é impedimento. Façam uma cordada de três. O Oswaldo vai na frente, de guia, depois vão você e o Alfredo. O pico não oferece lances muito difíceis. O Oswaldo é um excelente guia, e você e o Alfredo também têm ótima experiência. Eu não vou fazer falta.

Oswaldo interveio:

— Mas o importante era que você participasse, Dagomir. Afinal você esteve junto desde o começo, foi o responsável por nossa organização, não é justo que a gente vá e você fique aí.

— Os quatro mosqueteiros que agora são três — lembrou Alfredo.

Dagomir não se conformava que os outros desistissem por sua causa.

Falou:

— Se vocês não forem, quem vai ficar chateado sou eu. Oswaldo, você trouxe a relação do que devem levar?

O rapaz entregou a Dagomir um papel onde estavam relacionados todos os utensílios necessários a uma excursão daquelas: barracas, sacos de dormir, lampião, lanternas, cantis, utensílios de cozinha, alimentos, caixa de primeiros socorros, objetos de higiene pessoal, agasalhos, calçados para a escalada e botas para o caminho no mato, facões, cordas, mosquetões, cunhas, pitons, pregos de expansão, martelinhos, capacetes, estribos etc.

Além disso, a lista incluía um binóculo e uma máquina fotográfica.

Quando ele acabou de ler, Márcia acrescentou:

— Falta uma coisa.

— O quê? — perguntou Dagomir.

— Tinta.

Todos riram.

Marco Antônio chegou tarde em casa, mas mesmo assim resolveu passar os olhos nas manchetes dos jornais, antes de dormir. Foi folheando as páginas: “Presidente preocupado com as altas taxas de inflação”, “Líder soviético amplia projeto de abertura”, “Carro-bomba explode no Líbano”. Passou para o caderno de notícias policiais: “Ladrão foge mesmo baleado”. Leu a reportagem sobre um assaltante que fora surpreendido por uma viatura de

polícia quando fugia de uma casa que acabara de roubar. Trocaram tiros, mas o marginal, mesmo ferido, conseguiu evadir-se. Outra: “Traficante é encontrado morto dentro de carro roubado”. Marco Antônio leu a reportagem. Na estação de TV já soubera do fato, mas não dera maior importância. Assassinatos acontecem todos os dias.

O traficante Antônio Valquírio Tomaz, 32, conhecido pela alcunha de Nenê, foi encontrado morto dentro de um carro roubado, em Guarulhos. Pelas características do crime, a polícia acredita tratar-se de luta entre quadrilhas ou vingança entre bandidos, o que será apurado. O carro, um fusca branco com chapa de Resende (RJ), havia sido roubado em São Paulo na semana passada. A perícia, que compareceu ao local, nada encontrou que pudesse ajudar na identificação dos possíveis agressores. Os únicos objetos achados no porta-malas do carro foram um envelope com diversas fotografias e duas coleções de *slides*, que foram levadas para verificação.

Marco Antônio suspendeu a leitura do jornal.

— Será?

Telefonou para Ronaldo. Olhou o relógio, quase uma hora da manhã. Desligou antes de completar a ligação.

21

AS FOTOS

No dia seguinte, quando Ronaldo chegou ao trabalho, Marco Antônio já o estava esperando.

— O que aconteceu?

— Leia esta notícia.

Ronaldo apanhou o jornal das mãos do amigo e leu o caso do traficante morto dentro do carro.

— Então você está pensando que as fotos e os *slides*...

— Tenho certeza. Vamos à delegacia. Já conversei com o meu colega que fez a cobertura da notícia e ele chegou a ver algumas fotos. Disse que são paisagens, montanhas. Os *slides*, ele não chegou a ver.

Ronaldo avisou que voltaria mais tarde ao emprego e saiu correndo para a delegacia de Polícia. Felizmente era o delegado Santini que estava de plantão.

— Temos novidade, delegado. Leu esta notícia de hoje?

O delegado não deu grande importância ao fato:

— Que tem ela? Isto é queima de arquivo. Luta entre bandidos. Quando um acha que outro está sabendo demais e pode comprometer a segurança, mata-o.

— Neste caso tem algo diferente, delegado. As fotos encontradas no carro foram as roubadas do clube.

— Como sabe? — perguntou o delegado.

— O jornalista que fez a cobertura viu algumas fotos e tudo indica que são as mesmas. Além delas, existem duas coleções de *slides*.

Antes de responder, o delegado ficou olhando fixamente para Ronaldo:

— O caso está sendo apurado pela delegacia de Guarulhos, pois foi lá que se deu o crime. Vou entrar em entendimentos com o meu colega para que você vá fazer o reconhecimento das fotos.

22

EM GUARULHOS

— Não tenho dúvida. São as próprias! — exclamou Ronaldo com um maço de fotografias nas mãos. E completou: — São as fotos e os *slides* roubados do clube.

— Só não foram encontradas as máquinas fotográficas que constam da queixa — informou o delegado de Guarulhos.

— Que interesse tinha esse bandido em roubar fotografias do clube? — perguntou Ronaldo ao delegado Santini, que também estava presente.

— É o que precisamos saber. Teria sido a mando de alguém? E se foi, por que ele ainda estava de posse das fotos? Que há de tão importante neste tal Ninho dos Gaviões?

Ninguém poderia responder às suas indagações. Ronaldo estava transtornado. Que teria uma quadrilha de traficantes a ver com o pico? Já ia saindo, quando lembrou-se de algo:

— Senhor delegado — disse Ronaldo —, existe mais um fato, ao qual eu não vinha dando importância, mas que agora está merecendo atenção.

— De que se trata? — perguntou o delegado Santini com interesse.

Ronaldo falou sobre os bilhetes com ameaças que recebera.

O delegado franziu a testa.

— Então foi alguém de suas relações que enviou os bilhetes, pois sabe seu endereço.

— Não posso acusar ninguém, delegado.

— Tudo bem, mas lembre-se de que o caso agora não é só de roubo, envolve também homicídio. Você não pode ocultar da polícia nenhum dado — advertiu o delegado.

— Eu não estava escondendo nada. Apenas havia me esquecido de contar.

— Lembre-se de que qualquer fato, por mais banal que seja, é importante para as investigações.

23

O RECONHECIMENTO

Não era exatamente o lugar que Ronaldo gostaria de ir. O delegado Santini, entretanto, exigiu que ele olhasse o cadáver estendido numa mesa de mármore, junto com outros ainda não liberados para enterro.

O funcionário do necrotério levantou o lençol que cobria o rosto do homem encontrado morto no fusca. Ronaldo e Marco Antônio olharam fixamente para a face amarelada e rígida do cadáver.

O repórter foi o primeiro a balançar a cabeça, afirmando:

— É ele. O bêbado que nos atacou no bar.

Ronaldo também confirmou:

— Acho que não tenho dúvida. É ele.

O delegado Santini tomou o depoimento dos dois. As peças do jogo começavam a se encaixar. Mas, se os acontecimentos tinham uma lógica, o mistério aumentava. O esclarecimento do roubo do clube criava perguntas embaraçosas:

— Que ligações poderia haver entre o Clube Amigos da Montanha e traficantes de drogas?

SEGUNDA PARTE

A CONQUISTA

Oswaldo estacionou o carro na única praça da vila de Paramim, ponto final da estrada de rodagem que levava ao Ninho dos Gaviões. Era quase meio-dia e a poeira do último trecho da estrada, sem pavimentação alguma, tinha deixado todos sujos e cansados.

Paramim era um lugarejo perdido no alto da serra do Mar, cercado ainda por mata virgem, onde o contato com a civilização se dava apenas através do som alto de um rádio, saído de um bar, na praça. Mais que um simples bar, era um estabelecimento misto, um pouco de armazém, um pouco de restaurante, onde se encontrava de tudo. Na rua, pouca gente; alguns cães passeando preguiçosamente e galinhas ciscando o chão. De São Paulo até ali, Oswaldo, Alfredo e Márcia não tinham viajado mais que quatro horas, mas era como se tivessem mergulhado no século passado. Nenhum carro à vista, apenas uma carroça com um resignado burro atrelado.

Alfredo perguntou:

— Será que aqui a gente descola alguma coisa para comer?

— Vamos tentar ali no bar — propôs Oswaldo.

Alfredo foi entrando e perguntando ao homem que estava atrás do balcão, um mulato gordo, a camisa aberta mostrando o peito nu:

— Ô, meu chapa, estamos chegando agora, vamos fazer uma caminhada aí no mato. Será que se arranja alguma coisa para comer?

— Sempre se arruma, compadre — respondeu o homem que, em seguida, gritou lá para dentro: — Lina, tem freguês pra almoçar.

Do interior da casa apareceu uma mulher ainda moça, enxugando as mãos num avental sujo e molhado. O homem disse:

— Os moços aí querem almoçar.

Ela respondeu como que se desculpando:

— Tem galinha e linguiça. Posso fazer num instante.

— Está bem, minha comadre — assentiu Alfredo. — Prepare um bom prato, que estamos morrendo de fome.

— O senhor aguarde, que ainda vou fazer. Não é todo dia que aparece gente aqui para almoçar. Dia de domingo sempre vem, mas dia de semana, não.

— Nós esperamos. Capriche aí.

Deixando o carro estacionado na porta do bar, eles saíram para dar uma volta na aldeia. Não precisaram andar muito. Praticamente ela terminava ali mesmo, na praça. Depois, eram casas isoladas, que iam se distanciando umas das outras, ladeando uma estreita estrada de terra, que se perdia em curvas e em pequenas subidas e descidas no meio da mata. De alguns lugares mais altos, avistavam-se os cabeços arredondados das montanhas se sucedendo para todos os lados, com vegetação baixa nos cumes e mata fechada nos vales profundos. Márcia estava ansiosa:

— E o pico, para que lado fica?

Oswaldo respondeu:

— Quando voltarmos para o almoço, pediremos informações no bar. Mas, pelo que eu sei, é bem no meio do mato, distante ainda umas duas ou três horas de caminhada, como explicou Ronaldo naquele dia. Não dá para fazermos a escalada hoje. Temos de acampar perto do pico e amanhã então realizaremos o seu sonho.

— Só meu, não. Nosso sonho.

Passaram uma boa hora andando pela estrada de terra, descobrindo aqui e ali um grande número de chácaras, algumas bem-cuidadas, outras esquecidas, todas cercadas pela mata, onde a Natureza intocada exalava um ar leve e puro, docemente odorizado por essências vegetais. Havia aves voando ou cantando no meio do matagal, insetos cruzando os ares, refletindo suas cores nas réstias de sol coadas através das folhas.

— Vamos voltar, que estou morrendo de fome — reclamou Alfredo.



*Sob um alto jequitibá, Márcia, Oswaldo e Alfredo
saborearam a comida e a conversa de seu Manuel.*

— Vamos ver se sua comadre já fez a comida — brincou Oswaldo.

Numa tosca mesa de madeira, sem toalha, embaixo de um alto jequitibá, a mulher colocou uma panela cheia de galinha ensopada com batatas, uma outra de arroz branco e uma com linguiça frita. Comida que dava para o dobro de excursionistas.

Eles sentaram-se à mesa e Alfredo, apesar de ser o mais magro, foi o mais feroz. Como não tinha outros fregueses, o homem do bar apanhou um banco de madeira e sentou-se ao lado.

— Vocês estão procurando terra para comprar? Dr. Sílvio, que é dono daquele sítio ali, tem uma chácara, lá no alto, que ele quer vender. É terra boa, está cercada, só não tem casa. Quem comprar, precisa fazer.

— Estamos aqui só de passagem — respondeu Oswaldo. — Somos alpinistas.

— Pois é, ele diz que vende barato — respondeu o homem, que, pelo jeito, não sabia o que era um alpinista. — Se quiserem, podem olhar hoje mesmo. De carro, é só um instantinho.

— Não, senhor. Não estamos procurando chácara para comprar. O senhor conhece aqui o Ninho dos Gaviões?

— Ora, quem não conhece? É aqui perto, mas não presta para chácara. É mata fechada, não tem estrada, só se vai a pé.

— É muito longe? — perguntou Márcia.

— Não. Mas é perigoso ir lá.

— Por quê?

— Porque é mata fechada, menina, não tem estrada. Ninguém vai para aqueles lados. Se mal lhe pergunto, que é que vocês vão fazer lá?

— Nós somos alpinistas. Nosso esporte é subir nas montanhas — esclareceu Alfredo.

— Pra quê? — perguntou o homem.

Os três se entreolharam. Alfredo respondeu:

— Ora, “tio”. É um esporte. Gostamos de subir nas montanhas, ver a paisagem lá de cima.

O homem fez um ar de riso. Da porta dos fundos da casa saiu a mulher, acompanhada de duas crianças com os rostos lambuzados de comida.

— Subir só pra ver a paisagem lá de cima?

— É um esporte que a gente pratica — confirmou Oswaldo.

O vendeiro se dirigiu à mulher:

— Olhe aí, Lina! Os moços aí querem subir no pico dos Gaviões.

— Subir lá em riba? Pra quê?

O homem respondeu, espremendo um riso e balançando a cabeça:

— Pra ver a paisagem lá de cima. — E dirigindo-se a Alfredo: — Depois tornam a descer?

— É, “tio”. O senhor não vai querer que a gente fique lá em cima, não é?

A mulher estava descrente:

— A mocinha também vai?

— Ela é a “chefa” do grupo — nomeou Alfredo.

O dono da venda ainda não se convencera:

— Vocês conhecem o pico?

— Só por fotografias.

— Mas ele é de pedra, não dá para subir. É de pedra lisinha e aprumada. Não tem mato para se agarrar, nada. Ninguém consegue subir ali, só lagartixa.

— Nós conseguimos, o senhor vai ver — garantiu Alfredo.

A novidade do carro estacionado na porta do bar, em plena terça-feira, coisa inusitada na vila de Paramim, trouxe moradores, que foram chegando e se acercando do grupo.

Seu Manuel, o vendeiro, foi apresentando:

— Seu Quinzinho, esses moços são de São Paulo e querem subir o pico dos Gaviões. Dizem que é esporte, para verem a terra lá de cima.

O outro, já velho, barba branca de alguns dias, chapéu enterrado na cabeça, mastigando um palito, argumentou:

— Ali não dá para ninguém subir. Só lagartixa.

— Foi o que eu disse. Mas eles acham que não.

Oswaldo esclareceu:

— Nós somos treinados. Estudamos e aprendemos a subir em qualquer montanha, por mais íngreme que seja. Temos equipamentos, grampos e cordas, que nos seguram na subida.

— Ah! Vocês sobem amarrados, não é? — perguntou seu Manuel.

Oswaldo quis encerrar a história:

— Aí no carro nós temos cordas e grampos. A gente vai subindo e se amarrando na pedra.

O velho Quinzinho baixou a cabeça, coçou o queixo, ficou por um momento calado, depois disse:

— Mas tem um porém: como vocês vão chegar lá?

— Já sabemos que tem mato fechado. Estamos preparados para isso — respondeu Alfredo.

— Mas tem outro porém: vocês são moços e gente moça não acredita em muita coisa, mas vou contar a vocês. Eu moro lá no fim daquela picada, depois da cerca de bambu. Lá de casa se vê um pedaço do Ninho dos Gaviões. Pois acredite em Deus, não acredite em mim, mas, ali no morro, tem coisa. Não sei o que é, mas tem coisa. Seu Manuel já ouviu falar também.

— Tem o quê? — quis saber Márcia curiosa.

— Tem noite que aparecem luzes lá no alto.

— Luzes? — perguntou Alfredo, lembrando-se de que na reunião do clube também tinham se referido a elas.

— Pois é. Luzes estranhas. Não é toda noite, mas de vez em quando aparecem. Minha velha também já viu. Muita gente daqui, até seu Manuel, já viu.

O homem desmentiu:

— Eu não, mas a Lina diz que viu uma noite.

— Eu vi — confirmou a mulher.

Seu Quinzinho voltou a falar:

— Mas o que é que está acontecendo com o Ninho dos Gaviões?

— Por quê? — perguntou Oswaldo.

O homem ficou calado um tempão, depois respondeu, medindo as palavras:

— Olhe, seu moço, eu sou de Minas, mas moro aqui desde pequenino. Não tinha nem essa estrada que vocês vieram. Esse morro sempre esteve aí e ninguém nunca se lembrou. De uns tempos para cá está todo mundo vindo aqui por causa dele.

— Todo mundo? — espantou-se Alfredo.

— Veio gente esta semana aqui? — perguntou Márcia.

O homem respondeu no mesmo tom, sem se perturbar:

— Há coisa de dois ou três meses veio um pessoal dizendo que era da televisão, que iam tirar fotografias do morro, filmar e depois passar na televisão...

Os três excursionistas se entreolharam sem nada dizer. O homem continuou:

— ... eu pensava que era gente do governo, que vinham fazer qualquer coisa, melhorar essa estrada, que na época da chuva não passa nem carroça. Mas não era nem do governo, nem da televisão, que nunca vi passar o filme. Tudo garganta. — Ficou um tempo calado, depois continuou: — Na semana passada, vieram dois outros, também interessados nesse morro.

— Quem eram?

— Não sei. Andaram perguntando se havia algum movimento de gente estranha aqui, se tinham aparecido novos interessados no morro.

— E o que o senhor disse?

— Que não. Fora o pessoal da televisão, ninguém mais veio aqui.

2

OS "PORÉNS" DE SEU QUINZINHO

Enquanto Oswaldo e Alfredo ficavam caminhando em volta da praça, digerindo o almoço, Márcia deixou-se ficar atirando restos de comida para as galinhas. Seu Quinzinho aproximou-se e, no mesmo tom calmo, disse:

— Mocinha, tem mais um porém. Uma coisa que não contei.

— O quê?

— Essa montanha é amaldiçoada.

— Como, seu Quinzinho?

— Já morreram dois moços aí.

— Eu soube, mas foi há muito tempo.

— Faz uns dois anos ou mais. Seu Manuel da venda é novo aqui, não viu, nem eu. Mas muita gente jura que viu. Dois moços bonitos, fortes, chegaram dizendo que iam subir na pedra. Se despencaram lá de cima, não sobrou nada deles. O morro ficou mal-assombrado. Muita gente não acredita, mas não se pode duvidar das coisas. Vez por outra aparecem vultos andando lá em cima.

— Aparecem vultos, seu Quinzinho?

— Eu já vi, mocinha. Já vi com esses olhos que a terra há de comer. Já vi. Daqui da vila é muito longe, não se enxerga, mas de cima do Jumaré dá pra se ver. Não é todo dia, mas tem muita gente que já viu. Eu não acho certo vocês irem lá. A montanha é maldita.

— Isso é lenda, seu Quinzinho. Os rapazes morreram porque aconteceu algum problema, mas isso não quer dizer que a gente não possa ir lá — argumentou Márcia incrédula.

— A gente não deve duvidar de nada, mocinha. Assombração existe. Você está pensando que quem morreu se acabou?

— Claro que não, mas a gente deve ter medo dos vivos e não dos mortos.

— A senhora falou certo, mas o mal também existe.

— Obrigada pelo aviso. Nós vamos nos cuidar.

Márcia ia se afastando para encontrar-se com os amigos, quando o velho, no mesmo tom monocórdio, tornou a falar:

— Mas tem outro porém.

Ela não aguentava mais de tantos “poréns”.

— O que é agora?

— Os dois homens que vieram a semana passada disseram que eram do governo, e que de agora em diante era proibido qualquer pessoa chegar perto do Ninho dos Gaviões.

— Como é que é? — perguntou Márcia.

— Disseram que o governo tinha separado aquela mata toda para que ninguém caçasse os bichos, nem matasse as plantas.

— Não vamos fazer nada disso. Nós amamos a Natureza e não vamos estragar nada — contestou Márcia, que, desconfiando da história, arriscou uma pergunta: — Onde estão esses

homens? Nós falamos com eles.

— Foram embora.

— É mentira, seu Quinzinho. Não é proibido escalar esse morro. Nós vamos lá — reafirmou a menina.

— Eu só estava avisando, mocinha. Mas tem outro porém: como é que vocês vão chegar lá no pico dos Gaviões?

— Ora, seu Quinzinho, caminhando por dentro da mata.

O velho balançou a cabeça:

— Não vão acertar, é mata braba, menina — advertiu o velho, que, depois de matutar um pouco, sugeriu: — Só se o Zé da Canoa ou o Chico Sapo quiserem ir com vocês. Eles batem esse mato todo, mas não querem levar ninguém no pico dos Gaviões. Têm medo.

— Nós pagamos bem — apelou a menina.

— Vou ver se encontro eles — respondeu o velho, afastando-se.

Márcia foi juntar-se a Oswaldo e Alfredo, que preparavam o material para a excursão.

O moço Zé da Canoa e o experimentado Chico Sapo ou não foram encontrados ou não quiseram servir de guia para levar os excursionistas até o sopé do Ninho dos Gaviões. Seu Quinzinho era contra, mas como os moços estavam decididos a ir de qualquer maneira, ensinou o caminho:

— Não tem errada. Vocês descem essa picada, que começa aí no fim da praça, até lá embaixo, no fundo do vale, arrodando o morro do Jumaré, que é esse aí bem em frente. Lá no fundo tem um rio, é só seguir, seguir ao lado dele, subindo a montanha pelo outro lado e, depois de andar umas duas léguas no mato, vão encontrar o pico bem em frente. Ele não é longe daqui, o caminho é que é comprido e por dentro do mato.

Oswaldo estendeu uma nota para o velho.

— Obrigado, seu Quinzinho. Depois de amanhã estamos aí de volta.

Em fila indiana, Oswaldo à frente, Márcia no meio e Alfredo à retaguarda, os três excursionistas deixaram a vila de Paramim com um grande equipamento preso às costas. Seu Manuel ajudou-os a descarregar toda a bagagem do carro e comprometeu-se a guardar o veículo até o regresso. O homem tinha sempre um ar de riso nos lábios, porque não acreditava que tivesse gente que se deslocasse de tão longe, com tanta bagagem, só para subir um morro, olhar a paisagem e depois descer. Comentou com seu Quinzinho:

— Há gente para tudo neste mundo!

— Eu acho que é pessoal do governo, seu Manuel. Vão fazer alguma coisa para esse lado de cá. Vão acabar com o nosso sossego.

Seu Manuel era mais prático.

— Até que era bom, para ver se os negócios melhoram.

Já no meio do mato, seguindo a estreita trilha indicada por seu Quinzinho, os três excursionistas foram pouco a pouco se internando na mata Atlântica. Barulho de folhas secas pisadas, pássaros cantando por todos os lugares, insetos voejando nas sombras, aqui e ali teias de aranha estendidas entre ramos de árvores. O caminho era de descida, num estreito vale que, mais adiante, bem longe, cruzava com outro. Depois desse segundo vale, subindo a

encosta, encontrariam o Ninho dos Gaviões, uma pedra de face quase nua, plantada no alto de uma montanha.

— A Natureza é uma festa, não é gatinha? — perguntou Alfredo.

— Virou até poeta?

— A gente faz o que pode. Fora de brincadeiras: como é gostoso o cheiro do mato, da terra, o cantar dos passarinhos, a música dos bambuzais. Já ouviu bambuzal tocando? Pois fique junto de um bambuzal quando sopra o vento e estará ouvindo uma verdadeira orquestra. Tem violinos, baixos, até timbales. Quando tiver chance, escute.

— Por que você não vai morar no meio do mato? — perguntou Márcia.

— Um dia ainda vou viver que nem índio...

Caminharam um pouco em silêncio, até que Oswaldo falou:

— Aquela tal sociedade ecológica que fez reclamações sobre a escalada ao Ninho dos Gaviões até que tinha razão. Será uma pena se começarem a explorar isto aqui comercialmente.

— Também acho — confirmou Márcia. — Só não concordo que uma escalada ao pico vá prejudicar a Natureza.

— De acordo. Desde que a gente não escreva nas pedras — brincou Alfredo.

— Chato! Vou escrever, quer você queira, quer não. Isso não vai agredir a Natureza.

— Estou brincando, Márcia — justificou-se o rapaz.

— Curiosa é a preocupação da tal sociedade ecológica com o Ninho dos Gaviões. Tantas agressões são feitas à Natureza e ela nunca se manifestou. Afinal, foi só essa vez; não vi mais nada publicado — insistiu Oswaldo.

Márcia lembrou uma coisa:

— Será que aqueles bilhetes que me mandaram...

Alfredo interrompeu:

— Não acredito. Como a tal sociedade saberia que nós íamos fazer a escalada? Se fosse para ameaçar, ameaçariam o Ronaldo e não você, sua boba.

Oswaldo interveio:

— Acho que aqueles bilhetes foram mandados pelo Ronaldo.

— É, você está certo — confirmou a menina. — Deve ter sido ele.

— É, broto, mas já estamos aqui e ele só nos alcançará se vier de helicóptero — concluiu Alfredo com ironia.

A. trilha estreita conduzia os excursionistas cada vez mais fundo no seio da mata. Mata ainda virgem, onde apareciam cedros, ipês, canelas, grandiosos jequitibás, perobas, madeiras nobres ainda não devastadas pelo homem, enredadas de lianas, adornadas de orquídeas, bromélias com flores de cores vivas, liquens manchando os troncos de branco e verde, toda uma enorme variedade de plantas, onde a vida silenciosa exalava essências vegetais no ar leve da montanha. Nos lugares mais baixos, florestas de samambaias com suas folhas preciosamente recortadas e seu aspecto primitivo.

Mas, à medida que prosseguiam, a trilha estreitava, o terreno em descida tomava-se mais íngreme, a mata mais fechada, a bagagem mais pesada, os corpos mais suados, as

pernas mais cansadas e o ambiente romântico da mata Atlântica foi perdendo seu encanto paradisíaco.

Com mais de uma hora de marcha, Oswaldo, à frente, já não falava, preocupado em não perder a trilha, que, pelo desuso, estava invadida pelo mato lateral. Às vezes da desaparecia, confundida com a floresta em volta, coberta de arbustos e capim alto, que impedia de se ver o solo fofo atapetado de folhas secas atravessado por raízes, escondendo depressões e buracos.

Facões desembainhados, eles iam cortando a vegetação para livrar-se dos cipós que atravessavam o caminho, o que tornava a excursão mais lenta e cansativa. Em pouco tempo, a mata cobria tudo em volta, e o sol existia apenas pela claridade difusa coada através da folhagem.

— Aiiiii! — gritou Márcia.

Alfredo viu quando seu corpo desapareceu dentro de um matagal. Ele ainda brincou com a queda da menina:

— Já vai, gatinha?

Ao mesmo tempo correu para segurá-la, mas ao penetrar na moita o chão faltou a seus pés, tropeçou numa raiz e precipitou-se num buraco. Márcia, refeita da queda, já ia se levantando, quando viu o companheiro passar por ela e ser amparado mais abaixo por Oswaldo. Ela revidou:

— Já vai, “gatinho”?

Oswaldo ajudou um Alfredo meio desconsolado a levantar-se e aconselhou:

— Cuidado! Até parece que é a primeira vez que vocês andam no mato. Daqui em diante a trilha é cada vez mais íngreme e o mato, fechado. É preciso saber bem onde colocar o pé e onde segurar com a mão para não apoiar-se em uma planta espinhosa ou num galho solto.

A queda de ambos não teve maiores consequências, porque o chão coberto de folhas e o próprio mato amorteceram o impacto. Mas era preciso redobrar os cuidados. As aves ainda cantavam, porém os insetos que eles haviam admirado a princípio transformaram-se em nuvens de mosquitos, e a mata, sem perder seu encanto, mostrava também seus perigos nas redes de cipós, nas plantas espinhosas, nos troncos apodrecidos que escondiam pequenos animais, no terreno coberto de folhas que disfarçavam armadilhas.

Tudo isso fazia parte da excursão. Afinal, eles não andavam só era busca dos cumes das montanhas, mas também do melhor conhecimento e entrosamento com a Natureza.

A mata ao fundo do vale era cada vez mais densa e o horizonte estava limitado por um estreito círculo de folhas, galhos, troncos, cipós, que os envolvia por todos os lados. A atenção de Oswaldo era constante para não perder a direção indicada e um ruído vindo do mais fundo da floresta foi suficiente para animá-los:

— Estou ouvindo barulho de água correndo.

— Eu também — confirmou Márcia.

Apressaram os passos. A mata, de repente, tornava-se um pouco menos densa e aqui e ali viam até raios de sol penetrarem através das copas das árvores.

Oswaldo apressou o passo:

— Olhem que lindo!

Do fundo da floresta um rio descia, encachoeirado, escorrendo num leito de areia fina, água transparente parecendo cristal líquido.

— Vou tomar um banho — anunciou Márcia. — Isto parece um sonho. Não resisto.

— Trouxe maiô, por acaso? — perguntou Alfredo.

— Claro. Nós estamos no paraíso, mas a folha de parreira hoje é de lycra.

Oswaldo lembrou:

— Não podemos demorar, Márcia. Ainda temos que andar muito. É melhor procurarmos um lugar menos selvagem para passar a noite.

Ela não resistiu a pelo menos molhar o rosto, beber uns goles da água cristalina e lavar os braços. Em seguida, novamente com a bagagem às costas, todos reiniciaram a marcha, agora um pouco mais difícil, pois já tinham chegado ao fundo do vale e começavam a subida da outra encosta.



Cansados da caminhada pela mata, os excursionistas relaxaram nas águas claras de uma cascata.

Se a descida apresentara inúmeras dificuldades, não podiam esperar coisa melhor da subida acompanhando o rio a montante.

O ruído de uma cascata os fez apressar os passos e, logo depois, um pequeno lago represado pelas rochas da encosta derramava-se em uma pequena cachoeira. Oswaldo não resistiu a tirar fotografias e Márcia tornou a reclamar:

— Nem que seja para passar a noite aqui, Oswaldo, mas vou tomar um banho de cachoeira. Fiquem quietinhos que eu vou me trocar ali adiante.

Sem esperar resposta, jogou a bagagem no chão e embrenhou-se com cuidado na mata. Oswaldo não disse nada, porque também estava com vontade.

Quando, pouco tempo depois, Márcia reapareceu de biquíni, já encontrou os dois rapazes de calção, deixando que a água da cascata lavasse o corpo e limpasse a mente.

Oswaldo estendeu a mão para ajudar a menina a ultrapassar as pedras escorregadias da margem do rio. Juntos, os três esqueceram as canseiras e as preocupações.

Márcia lembrou:

— Coitado do Dagomir. Ele devia estar aqui também.

— É no Dago mesmo que você está pensando? — ironizou Alfredo.

— E em quem haveria de ser?

— Era com o Dago que você queria estar tomando banho aqui?

— Não sei o que você está insinuando...

— Sei lá... com o Ronaldo, talv...

Não teve tempo de terminar a palavra. Márcia jogou água com força no rosto de Alfredo:

— Cale a boca, seu chato!...

Alfredo pulou de costas para se defender, pisou numa pedra lisa, desequilibrou-se, caiu dentro da água.

Oswaldo advertiu:

— Olhem essas brincadeiras. Se se machucarem não vai haver escalada.

— É esse cachorrão aí. Era bom que quebrasse uma perna! — esbravejou Márcia.

Alfredo levantou-se. Nada tinha acontecido senão um leve arranhão. Mostrou à menina:

— Está vendo o que você fez, sua malcriada? Assim mesmo eu gosto de você.

— Dispensó sua amizade. Eu gosto é do Oswaldo.

— E do... do... do... Da... Dagomir...

— Dago é um bom rapaz e não um moleque igual a você.

— Dagomir é noivo, vai se casar no próximo mês.

— E daí?

— Eu sou solteiro, livre e desimpedido.

— Vá procurar sua turma, Alfredo.

— Vamos embora — convidou Oswaldo. — Já está tarde.

Outra vez vestidos para o caminho na mata, prosseguiram acompanhando o leito do rio a montante, que os levava diretamente ao pico Ninho dos Gaviões.

A subida estava cada vez mais íngreme, e seguir ao lado do rio encachoeirado tornava-se extremamente difícil, pois o mato exuberante invadia tudo, tornando perigosa a caminhada. Era como nadar num mar de folhas.

— Vamos nos afastar do rio, sem perdê-lo de vista — recomendou Oswaldo.

Embrenharam-se na mata sombreada pela densa folhagem, conseguindo deslocar-se com mais facilidade. O terreno íngreme dificultava a marcha e eles faziam das grossas raízes degraus de escada, segurando-se nos troncos, equilibrando-se. Já há algum tempo não trocavam palavra. O cansaço e o suor começavam a voltar após o banho e os mosquitos os perseguiram como verdadeiros guardiães da mata. Tudo isso aliado à concentração no equilíbrio e à atenção para tudo em volta fazia com que os três permanecessem mudos. Foi Alfredo quem rompeu o silêncio:

— Se eu não te amasse tanto, gatinha, não tinha me metido numa destas.

— Está arrependido? Quer desistir? É só dar meia-volta e pronto.

— E deixar você sozinha neste mato?
— Oswaldo fica comigo.
— Aí é que não vou embora.
— E por que está reclamando?
— Eu não estou reclamando. Precisava dizer alguma coisa, não sei ficar calado por muito tempo.
— Mas confesse que você não pensava que esta caminhada na mata fosse tão difícil.
— Nem você. Claro, eu imaginava que o pico ficasse pertinho da vila de Paramim.
Oswaldo tinha se reunido aos dois. Explicou:
— E fica. Reparem que nós estamos dando a volta em torno do morro do Jumaré. É por isso que de alguns lugares da vila pode-se enxergar o pico com facilidade.
— É do alto deste morro aqui que se vê luzes, vultos, assombrações... — falou Márcia.
— ... e a alma penada vai puxar o dedão de teu pé, Márcia — brincou Alfredo.
— E eu dou um chute nela — respondeu a menina sem se perturbar.
Oswaldo falou sério:
— E se as almas penadas forem de carne e osso? Gente de verdade?
— Lá em cima do pico? Fazendo o quê?
— Não é isso. Os vultos, as luzes, as assombrações, os tais dos alpinistas mineiros, tudo pode ser criado, inventado.
— Com que intenção?
— Sei lá, mas é estranho que apareça tanta dificuldade para uma excursão. Seu Quinzinho escolheu a Márcia para falar dos “poréns”, pensando em meter medo nela...
— Quebrou a cara! — interferiu Alfredo, concluindo: — Bem feito! Esta gatinha é uma tigresa.
— Vamos lá — chamou Oswaldo. — Quanto maior a dificuldade, mais bonita a vitória.
Os passos agora eram penosos. No fim da tarde os mosquitos em enxames exigiam movimentos contínuos com as mãos e os repelentes pareciam pouco adiantar. Os últimos lances da subida foram difíceis, mas a mata já não era tão fechada; rapidamente ia se abrindo numa grande clareira. Alfredo adiantou-se do grupo, galgando quase aos pulos, num último esforço, uma escada natural de pedras.

UMA CANÇÃO PARA MÁRCIA

Logo à frente do rapaz, quinhentos metros além, erguia-se imponente a face de pedra do Ninho dos Gaviões. Era uma enorme rocha de granito com quase duzentos metros de altura e pouca inclinação. No alto, envolvendo-a pelo lado esquerdo como um colarinho, uma plataforma de pedra impedia que o cimo do pico fosse visto. Ao centro, bem alto, projetava-se um grande calombo, como se fosse um gigantesco nariz, que era chamado de Bico do Gavião.

Márcia e Oswaldo chegaram logo depois, e Alfredo dirigiu-se à moça:

— Olhe aí, gatinha, o famooooooooo Ninho dos Gaviões!

Márcia sorriu:

— Por que essa ironia de “famooooooooo”?

— Não é ironia. Se você não viesse aqui, morria.

— Você também estava com vontade de fazer a escalada — e, apontando para

Oswaldo, que se distanciara para melhor contemplar o pico de vários ângulos, acrescentou: — O Oswaldo é que está bem interessado.

Alfredo chamou:

— Oswaldo, Oswaldo! Está namorando o morro?

Sem precisar gritar, o rapaz respondeu, mesmo à distância. No silêncio do campo o som se transmitia sem as inúmeras interferências dos ruídos da cidade.

— Amanhã pela manhã vamos fazer um estudo cuidadoso da escalada, já que as fotos foram roubadas na hora em que mais precisávamos delas. Os primeiros lances não apresentam grandes dificuldades, mas depois, da metade para o alto, tem uma parede lisa na vertical. Só com a luz do dia podemos estudar melhor. Está escurecendo e é bom que a gente prepare o acampamento para passar a noite. Márcia, pode ir procurando galhinhos para acender uma fogueira, enquanto eu e Alfredo vamos escolher um local para armar a barraca.

A moça afastou-se e os dois rapazes começaram a desenrolar a bagagem, limpar o chão, cavar buracos, firmar estacas, esticar cordas.

A noite descia vagarosamente. Um gavião passou planando a pouca altura, deu uma volta, subiu no ar, desapareceu por trás do morro. As primeiras estrelas, ainda tímidas, despertaram no céu.

— Arre! — reclamou Márcia. — Já sei que para lenhadora eu não dou.

— Nota-se! — respondeu Alfredo, contemplando os minguados galhos que ela trazia. — Acabe de ajudar o Oswaldo, que vou buscar mais lenha.

Dentro em pouco, num lugar limpo, longe da mata, acenderam uma fogueira para esquentar a comida e conversar sobre os planos do dia seguinte.

A noite acabou de descer e, para além do círculo de luz da fogueira, a escuridão era profunda. Vaga-lumes riscaram a mata na sua festa de luzes e no céu as estrelas formaram um imenso bordado de pontinhos luminosos.

Alfredo lembrou:

— Parece até o céu visto da avenida Paulista, onde só se enxergam poeira e poluição.

— Dá até para descobrir as constelações — disse Márcia.

— E até para “ouvir estrelas” — falou Alfredo, lembrando um verso do poeta Olavo Bilac.

— Está inspirado, hein, irmão! — rebateu Oswaldo.

— É por causa desta “musa” aqui — tornou Alfredo, apontando para Márcia. — Esta brisa leve, este céu de estrelas, esta noite profunda e a presença da “musa” me deixam inspirado.

— Pois então se “desinspire”.

— Devia ter trazido um violão para cantar uma serenata para você, gatinha.

— Um bom cantor não precisa de acompanhamento — devolveu ela com ar de provocação.

E do silêncio da noite, da solidão imensa do vale, subiu a voz de Alfredo, mais inspirada do que afinada.

Quando Márcia acordou, Oswaldo já estava caminhando à distância, olhando o pico de vários ângulos. No dia anterior, haviam chegado já com a noite tomando conta de tudo,

transformando montes e mata numa sombra única, indefinível. Agora, manhã clara de sol, o pico Ninho dos Gaviões apresentava-se em todo o seu esplendor. Para os alpinistas, é claro. Para os outros, era só uma enorme e apavorante pedra de granito surgindo do meio da mata, completamente inacessível.

Oswaldo observou com atenção toda a face sul do pico. Os primeiros trechos, de razoável inclinação e com numerosas agarras, tornavam a ascensão sem maiores dificuldades. Mais para o alto, o pico ia se tornando mais liso e aumentando a inclinação até quase a verticalidade. Oswaldo foi até o extremo do bosque, olhou a face leste, voltou. Alfredo ajudava Márcia na preparação do café.

— Pelo que pude estudar — avisou Oswaldo —, o pico apresenta esta face e as duas laterais com dificuldades de terceiro grau e alguns trechos de quarto. Na face norte, a montanha se desagrega em patamares de fácil ascensão, apesar de cobertos de mata fechada.

Alfredo contemplou o grande bloco de rocha iluminado pela luz do sol. Perguntou:

— Já tem o roteiro, Oswaldo?

O outro pegou um papel, desenhou rapidamente o monte e começou a traçar uma linha, às vezes inclinada, outras, no sentido vertical, até o alto.

— Penso que podemos seguir assim: eu irei na frente, depois Márcia e por último Alfredo, numa cordada única. Como sempre, cada um se movimentará sozinho de cada vez. Eu farei a escalada de um trecho, depois a Márcia irá me encontrar e finalmente, você, Alfredo, junta-se a nós dois. Sempre nessa ordem.

— Assim você será o primeiro a chegar no alto — reclamou Márcia, fazendo beicinho.

— Está bem. No último trecho, que parece ser um patamar, você passa à minha frente.

Enquanto tomavam café, Oswaldo ia explicando com mais detalhes o plano da escalada. Ele era o guia, e os outros, apesar de já experimentados no alpinismo, teriam de seguir suas instruções com disciplina para favorecer e tornar a ascensão segura. Oswaldo continuou:

— Calculo que chegaremos à tardinha lá em cima, onde podemos passar a noite. Esta barraca grande, assim como os utensílios pesados, vamos deixar escondidos em um canto qualquer até a nossa volta. Vamos nos preparar.

Tiraram as botas que haviam utilizado durante a caminhada na mata e calçaram os tênis especiais para a escalada, de sola lisa, dura, e bastante apertados nos pés para dar firmeza. Amarraram-se com as cordas de fibra sintética. Às costas, levavam as mochilas de ataque, contendo o material de escalada, que consistia em comida, agasalho, lanterna, estojo de primeiros socorros, saco de bivaque (para dormir), material de higiene. Numa alça a tiracolo, o equipamento técnico: martetele, grampos, cunhas, *nuts*, pregos de expansão, mosquetões, estribos etc. Além disso, levavam máquina fotográfica, binóculo, e, preso à cintura, um saquinho com pó de magnésio, para manter as mãos secas, proporcionando maior segurança.

— Tudo pronto? — perguntou Oswaldo.

— Falta uma coisa — lembrou Márcia. — Minha lata de tinta e o pincel... Ih! Esqueci de trazer o pincel!

Alfredo soltou uma gargalhada.

— Foi praga que o Ronaldo rogou. Agora você pinta com o dedo, gatinha.

— Pinto até com o nariz.

A última providência foi colocar e prender o capacete que protegia o topo da cabeça. Oswaldo, à frente, encaminhou-se para a montanha.

De início, a subida não apresentava maiores dificuldades. A relativa inclinação e a quantidade de agarras permitiam que os três prosseguissem juntos. Fissuras na rocha favoreciam a colocação de cunhas e grampos sem maiores trabalhos. Nas argolas eram fixados mosquetões e por eles passada a corda de segurança. Mas, após a passagem de uma plataforma quase horizontal, a montanha passou a oferecer dificuldades cada vez maiores.

Enquanto Márcia permanecia de pé na plataforma, atenta aos movimentos de Oswaldo, este elevava-se devagarinho na parede quase vertical. Inacreditável como sua destreza, técnica e experiência, faziam com que encontrasse, numa pedra aparentemente lisa, um lugar onde firmar os dedos curvados e onde pôr as pontas dos calçados, progredindo devagarinho e elevando-se com segurança. Onde encontrasse fissuras, colocava cunhas, ou, então, pacientemente ia com as brocas abrindo buracos na rocha e fixando grampos ou pregos de expansão. Márcia, logo abaixo, mantinha a corda que a prendia a Oswaldo retesada, soltando-a à medida que ele prosseguia. A quatro metros acima, Oswaldo firmou-se numa pequena aresta e comandou.

— Márcia, você agora.

Com destreza, a menina também começou a elevar-se, firmando pés e mãos nas agarras da pedra. Tinha observado com atenção todos os movimentos de Oswaldo e agora concentrava-se na escalada. No alto, preso por um mosquetão à rocha, o rapaz segurava a corda que o prendia à menina, mantendo-a tensa, e recolhendo-a à medida que ela ia subindo. Se, por um motivo qualquer, perdesse o equilíbrio, falhasse o passo, ou mesmo caísse, Oswaldo teria no alto a corda levemente retesada e segura aos ombros, o que evitaria uma queda desastrosa. Embaixo, Alfredo mantinha a corda que o prendia a Márcia também levemente tensa, ao mesmo tempo que ficava atento a todos os movimentos da menina.



Concentrados em cada movimento, os três amigos iam, pouco a pouco, galgando a rocha lisa e íngreme.

Alfredo era o último da fila, e por isso começou a movimentar-se só quando Márcia chegou junto de Oswaldo. Se a este competia colocar os grampos e mosquetões na rocha, a Alfredo ficava reservada a tarefa de recolhê-los, para reutilização mais adiante. Claro que nem todos eram retirados, ou porque fossem necessários na descida, ou porque sua colocação era definitiva, como ocorria com os pregos de expansão.

Sucessivamente, eles foram executando aquele estranho e lento balé na pedra. Para cima, o triunfo da conquista; para baixo, o abismo que cada vez se tornava mais fundo.

Já ia bem adiantada a manhã, quando atingiram uma região onde as agarras eram mais numerosas. Fissuras na rocha conduziam a um trajeto diagonal à montanha, mais rápido e seguro. Uma hora depois, Oswaldo firmava-se num patamar a mais de cem metros de altura, e, lentamente, Márcia e Alfredo alcançavam-no. Esse patamar era uma falha na rocha, que formava um degrau onde podiam descansar, refazendo as forças.

O sol já estava alto e batia diretamente no rosto dos excursionistas. Alfredo pegou o binóculo e não resistiu a olhar a paisagem:

— Oswaldo, o que é aquilo? O que foi que aconteceu?

O outro pegou o binóculo e olhou:

— Polícia?

— É. Quando olhei, vi tanta gente ali na praça de Paramim, que pensei que nós estávamos abafando e que aquelas pessoas estavam acompanhando nossa escalada.

Márcia pediu o binóculo:

— Eu também quero ver... Deve ter acontecido qualquer coisa. Dois carros de polícia!

Será que roubaram seu carro, Oswaldo?

— Se roubaram, seu Manuel da venda é o culpado. Afinal, ele se responsabilizou...

Mas Alfredo logo se desinteressou do caso.

— Deve ser outra coisa qualquer. Vamos nos cuidar, que estou com fome.

— Meio-dia, quase. Vamos almoçar — concordou Oswaldo.

Enquanto faziam uma refeição leve, mas substancial, contemplavam a paisagem do alto. Por todos os lados, a sucessão ondulada de morros, uns mais altos, outros mais baixos, cobertos de vegetação leve ou desnudos, de cores fortes quando próximos e azulados na distância do horizonte. No fundo dos vales, a mata exuberante coberta por uma fina névoa azulada.

Descansados, refeitas as forças, Oswaldo comandou:

— Vamos, crianças.

— Que horas devemos chegar lá em cima? — perguntou Alfredo.

— Calculo que à tardinha. Vamos pegar agora o pior lance da escalada. Vejam bem, a parede é quase nua. Calculando dez a quinze minutos para a colocação de cada grampo, acho que só chegaremos lá em cima perto do pôr-do- sol.

— Vamos, gatinha? — chamou Alfredo.

— Estou pronta.

Prepararam as cordas, amarrando-se uns aos outros. Oswaldo recomeçou a subida, seguindo à frente. Logo depois, Márcia, e em seguida Alfredo, encerrando a fila.

A parede lisa exigia uma escalada artificial, isto é, com a utilização constante dos grampos e pregos de expansão como pontos de apoio, já que a rocha quase não apresentava reentrâncias utilizáveis.

Oswaldo, no alto, comandou:

— Vamos, Márcia.

Ela largou o seu ponto de apoio e começou a elevar-se lentamente, buscando aqui e ali a mínima reentrância de rocha onde pudesse firmar os pés e as mãos, enquanto, no alto, Oswaldo ia atentamente recolhendo a corda. De repente, o pé de Márcia falseou. Por um instante, ela não encontrou apoio, mas a corda semi-retesada que Oswaldo mantinha firmou-a e ela conseguiu se recuperar. Lá embaixo, a poucos metros, Alfredo, também atento, esticara a sua corda, dando mais segurança ao lance.

— Use o estribo, Márcia — orientou Oswaldo.

Ela retirou a pequena escada de cordas com degraus de duralumínio, que levava presa à cintura, e firmou-a num mosquetão. Utilizando os degraus, venceu o lance de maior dificuldade.

Vagarosamente, a grande parede vertical de rocha nua foi sendo vencida. Cada passo dado para o alto era bem estudado.

Oswaldo à frente, seguido dos dois companheiros, buscava as menores reentrâncias para firmar os dedos, equilibrar o corpo e elevar-se.

O alto do pico estava encoberto por uma plataforma de pedra. A mesma plataforma que lá de baixo tinham avistado circundando toda uma face e que parecera a Oswaldo a última

— O desafio não é seu, Márcia. É nosso. Nós todos vamos subir.

— Apoiado — bateu palmas Alfredo, apesar de não enxergar solução para o caso.

A viração fresca da tarde trouxe um longínquo cheiro de mar, e Oswaldo, ao olhar para o horizonte, viu que, à distância, nuvens escuras começavam a encurtar o dia, que já declinava:

— Não podemos esperar, temos de arranjar uma solução rápida antes que anoiteça. O melhor é descermos e amanhã procurarmos a subida por outro ponto.

— Descer, quando já estamos tão perto? — gemeu Márcia.

— Que jeito?

Oswaldo olhou o muro de pedra, acompanhando-o até o Bico do Gavião.

— Que vamos fazer? Nem rede de dormir trouxemos — continuou o rapaz, referindo-se às redes de malha larga, que os alpinistas usam para dormir pendurados sobre o abismo quando a escalada assim o exige.

— E então? — havia angústia na voz de Márcia, enrouquecida de repente.

9

AMOR NAS ALTURAS

Oswaldo olhou desolado o alto do pico, que se elevava a poucos metros à sua frente, tão perto para a conquista, mas separado por aquele abismo profundo. Disse aos companheiros:

— Este espigão continua como se fosse um muro até o Bico do Gavião. Vou até lá, ver se existem condições de passarmos a noite. Se não, o jeito é descer.

Alfredo e Márcia ficaram sozinhos, encarapitados no alto da muralha de pedra. De um lado, a paisagem imensa de serras, que se desdobravam até o infinito, ao longe já confundidas com as sombras da noite e, do outro, a surpresa daquele abismo, que parecia defender a montanha do mesmo modo que um fosso nos antigos castelos.

Alfredo, sempre tão espontâneo, sentiu-se inibido ao comentar com a menina:

— E se Oswaldo não encontrar um caminho para o alto ou um abrigo para passarmos a noite?

— Nós descemos e amanhã tentamos outra vez. Tem de existir um jeito de ir até o topo, Alfredo. Ronaldo não haveria de programar uma escalada inacessível, ainda mais para ser filmada.

— É realmente por causa do Ronaldo que você está fazendo tudo isso, Márcia?

— Claro que não...

Antes que ele abrisse a boca para dizer qualquer coisa, ela complementou:

— ... é por minha causa. Ele não merece.

— Também acho. Aliás, desde o começo eu achava que ele não merecia.

— Espere aí, Alfredo. Até ontem, ou, sei lá, até hoje, eu achava que conquistando o Ninho dos Gaviões eu estava mostrando a ele que tinha valor, como alpinista e mulher, mas agora mudei de opinião. Ontem, apesar do cansaço, custei a dormir, fiquei pensando numa porção de coisas...

— Pensou em mim? — disse ele, sorrindo.

Márcia respondeu no mesmo tom:

— Por isso é que tive pesadelo. Mas, fora de brincadeira: agora faço questão absoluta de ir lá no alto do pico, para minha satisfação pessoal... — fez uma pausa — para viver esta aventura com vocês dois, que têm sido tão bacanas. Ronaldo ficou lá embaixo, longe, no tempo e na distância.

Alfredo falou sério:

— Pois é, Márcia. Você decidiu esta escalada por causa do Ronaldo, e eu, por causa de você.

Márcia pousou seus grandes olhos negros nos do rapaz:

— Por minha causa? Você também não se sentiu ofendido pelo que ele fez no clube?

— Claro, mas o mais importante era estar com você. E agora, então, eu vejo que estava certo.

— Por quê?

— Porque estou gostando de você.

— Não brinque, Alfredo, senão a gente cai daqui de cima.

— Não estou brincando, Márcia. Deixei até de chamar você de gatinha.

— Eu não me importo... — respondia ela, quando viu Oswaldo acenando para eles. — Vamos, Oswaldo está chamando.

Bem por baixo do Bico do Gavião havia uma gruta que dava para os excursionistas passar a noite. Oswaldo esclareceu:

— Vamos fazer um bivaque aqui e amanhã procuraremos uma saída. Precisamos economizar comida, já que não sabemos ainda o quanto vamos demorar.

— Eu tenho queijo, salame, pão, biscoitos, suco de frutas — disse Alfredo.

— Eu trouxe pão, biscoitos, sardinhas, leite, café, chocolate... — continuou Márcia.

— Eu também tenho alguma coisa, mas como a gente não sabe o que vai enfrentar ainda, não vamos desperdiçar. Lá embaixo, no acampamento, ficou muita coisa. Pode ser que amanhã ainda tenhamos de almoçar aqui em cima.

Já estava ficando escuro e Oswaldo acendeu uma lanterna para examinar melhor a gruta, que era apenas uma falha da rocha por baixo daquele enorme bloco de granito que era o chamado Bico do Gavião. Estava suja de excrementos de aves, e Alfredo reclamou:

— Esses gaviões, ou sei lá quem sejam, deviam ser um pouco mais asseados. Vejam que sujeira deixaram isto aqui.

— Quem manda você invadir a casa dos outros sem ser chamado — justificou Márcia.

— Vamos deixar de papo-furado e trabalhar, antes que fique totalmente escuro — advertiu Oswaldo.

Enquanto a noite confundia a paisagem ao redor, misturando matas e montanhas numa única mancha escura, os excursionistas tomaram rapidamente a última refeição e prepararam um cantinho para passar a noite, enfiados nos sacos de dormir. Márcia juntou um resto de sujeira e, com a lanterna acesa, veio jogá-la fora, na boca da gruta. Mas, de repente, fez um gesto em falso e a lanterna caiu de sua mão, rolando despenhadeiro abaixo, para o abismo.

Naquele mesmo instante, não muito longe, na vila de Paramim, seu Quinzinho provava a todos que a montanha era maldita. Estava cuspidando fogo.

A. noite não foi das mais confortáveis. O cansaço fez com que dormissem logo, mas às primeiras claridades do sol Alfredo acordou. Ficou alguns instantes olhando Márcia encolhida em seu saco de dormir, levantou-se e foi até a entrada da gruta. O vento frio da manhã, batendo-lhe no rosto, afastou o resto do sono. Lá embaixo, o mundo estava coberto por uma

leve cortina de névoa, que lentamente ia se dissolvendo e desenhando os cabeços das montanhas e a mata nos vales. Apanhou o binóculo e ficou olhando a paisagem.

Márcia também acordou e foi encontrá-lo.

— Sonhei contigo, gatinha — disse Alfredo ao vê-la chegar.

— E não caiu da cama? — perguntou ela, rindo.

— Que cama? Esta excursão maluca que você inventou...

— Está arrependido? — interrompeu Márcia com malícia.

— Estou arrependido de a gente não ter feito isso há mais tempo. Com você, eu vou para qualquer lugar.

Oswaldo levantou-se e veio se juntar a Alfredo e Márcia. Brincou com os dois:

— Tão cedo e já estão namorando?

Apanhou o binóculo das mãos de Alfredo e ficou olhando a paisagem. Depois de algum tempo, apontou para os lados da vila de Paramim.

— Vejam, a polícia continua na vila!

— Deixe-me ver — pediu Alfredo.

— Você estava com o binóculo e ainda não tinha visto?

— Não.

— Claro, só se a Márcia estivesse lá — disse Oswaldo, rindo. Depois, sério:

— Que é que a polícia está fazendo ali desde ontem?

— Não sei por que essa preocupação, Oswaldo — respondeu Márcia. — Por nossa causa é que não deve ser.

— Não estou preocupado, estou apenas estranhando.

— Deixe a polícia para lá e vamos cuidar de nossa vida — disse Alfredo, levantando-se.

Completo: — Estou com fome.

No fogareiro, prepararam café solúvel e tomaram com leite, acompanhado de biscoitos, manteiga, queijo e geleia.

Oswaldo voltou a examinar a possibilidade de continuarem a escalada dali. O Bico do Gavião projetava-se sobre eles como uma enorme marquise, sem condições de escalada.

— Por este lado não tem solução. Descer e procurar outra subida no outro flanco... também não sei se será possível...

— Por quê? — perguntou Márcia.

— Precisamos rever nosso estoque de pitons, mosquetões, pregos de expansão. Serão suficientes?

— É muito azar! — lamentou-se Alfredo. — Agora que estamos tão perto.

Márcia lembrou uma saída:

— Não fomos até o fim desta gruta. Lá no fundo tem um buraco... Será que...

— Não deve dar em nada. O que adianta a gente se arriscar para dentro da montanha? — contestou Oswaldo.

— Podíamos experimentar... — começou Alfredo.

— É perda de tempo.

— Só um pouquinho — pediu Márcia, apesar de ela mesma não ter esperança.

Lanterna em punho, Alfredo foi à frente. Agachou-se e com dificuldade foi entrando num estreito e escuro buraco. Engatinhou por algum tempo, depois sentiu uma leve brisa vinda do alto. Apagou a lanterna e viu uma débil e difusa claridade à frente, vinda de cima. Havia um outro túnel lateral e inclinado. Era mais amplo e Alfredo começou a subi-lo. A claridade ia aumentando e logo o rapaz encontrou uma grande fenda que levava ao exterior. Assim, por dentro do Bico do Gavião, Alfredo descobriu um caminho que conduzia diretamente ao pico.

O HELICÓPTERO

Alfredo meteu-se pela fenda e dali estudou a maneira de chegarem até o alto do pico. Preparava-se para descer, feliz pelo achado, quando ouviu um ruído longínquo. Era o barulho de um motor. Procurou no céu algum avião e não viu nada. Tornava a se preparar para a descida, quando a insistência do ruído, que crescia, fez com que retornasse.

— Um helicóptero!

Dentro de algum tempo viu o aparelho aproximar-se, voando diretamente para o pico, e logo depois desaparecer encoberto pelo morro. O seu ruído ainda continuou, como se o aparelho estivesse sobrevoando a região. Depois, foi se afastando e desapareceu.

Quando Alfredo desceu e se encontrou com Márcia e Oswaldo, foi logo dizendo:

— Viram? Acho que Ronaldo está chegando aí de helicóptero.

Márcia fez um muxoxo:

— Só faltava essa!

Ela e Oswaldo haviam visto, da porta da gruta, o aparelho vir de longe, crescer, sobrevoar o pico e depois desaparecer do outro lado.

Mas eles estavam interessados era na escalada, e o relato de Alfredo deu-lhes novo alento. Os olhos de Márcia brilharam quando o rapaz contou que entre o Bico do Gavião e o pico existia uma fenda por onde poderiam passar e dali completar a subida.

Ela não esperou que Alfredo contasse todos os detalhes. Foi arrumando sua bagagem, calçando os tênis, pondo o capacete. Por fim, ficou pronta para a última etapa.

A CONQUISTA

Preparada a bagagem, esta foi amarrada com cordas e posta na entrada do túnel, por onde seria depois puxada para cima, pois as condições dos primeiros lances da escalada não permitiam que eles a levassem às costas. Alfredo dessa vez foi o guia. Meteu-se pelo estreito buraco da rocha, seguido por Márcia e Oswaldo, que, por ser o mais corpulento, teve dificuldades em passar.

Alfredo iniciou a subida pelo túnel inclinado, que mais adiante transformava-se numa chaminé, formada pelas paredes do pico propriamente dito e pela parte traseira do Bico do Gavião. As subidas pelas chaminés, que é como se chamam duas paredes de pedra próximas, às vezes apresentam dificuldades suplementares, por reterem a umidade, formando um limo escorregadio e perigoso.

Pés e mãos em oposição, apoiando-se nos muros de pedra, vagarosamente os três alpinistas foram subindo, até chegarem ao cocuruto do Bico do Gavião. Dali puxaram as mochilas, que tinham ficado embaixo, prenderam-nas às costas e, tendo agora Oswaldo como guia, reiniciaram a escalada.

O dia estava claro, e o sol já fizera desaparecer toda a névoa da manhã. A mata verde

em volta era um espetáculo deslumbrante, e do helicóptero, nem o menor sinal.

Mãos estendidas para agarrar uma saliência da rocha e estabelecer o equilíbrio, pés firmando-se em pequeninas fendas, um impulso das pernas, e mais um degrau vencido. Com serenidade, coragem e determinação, pouco a pouco os três alpinistas foram galgando os últimos lances.

Faltando poucos metros para o alto, Oswaldo firmou-se em um patamar e disse para a companheira:

— Agora, Márcia, você vai ter a honra de chegar primeiro. Passe à minha frente.

Ela avisou Alfredo e pouco tempo depois erguia-se com um sorriso de vitória, um bater descompassado do coração, ao alto do Ninho dos Gaviões, um desafio que impusera a si própria.

Oswaldo e Alfredo chegaram logo em seguida e, abraçados, soltaram um imenso “viva” pela vitória alcançada.

Por muito tempo ficaram ali de pé, com o vento da manhã a bater-lhes no rosto, contemplando a grandeza da paisagem, gozando a sensação de liberdade, a alegria da conquista. Lá embaixo, ao longe, na terra dos homens, ficavam todos os problemas, todas as desavenças, todas as brigas, todas as competições e invejas, porque havia sido justamente a união, a ajuda mútua e a cooperação que os tinha levado até ali.

O primeiro pensamento foi para Dagomir, o companheiro que também devia estar presente para comemorar o evento.

O alto do Ninho dos Gaviões não era somente uma grande pedra lisa. Era um belvedere de mais de cem metros de diâmetro, solo acidentado, com numerosas pedras de tamanhos variados e formas diversas, erguendo-se aqui e ali, impedindo uma visão completa do horizonte em todos os seus ângulos. Márcia olhou desconsolada para aquela multidão de rochas. Alfredo pressentiu sua dúvida e perguntou:

— Como é, gatinha? Ainda vai pintar a famosa mensagem?

— Claro, para ficar registrado que nós estivemos aqui.

Oswaldo procurava um lugar onde pudessem descansar.

— Aqui está bom — anunciou, jogando a mochila ao chão.

Márcia ia se sentando, quando Oswaldo a impediu.

— Espere aí, Márcia. O que é isto aqui?

Em seguida, ele se abaixou e apanhou qualquer coisa.

— Ponta de cigarro?

Márcia também viu. Olhou para os companheiros. Oswaldo examinava o objeto com atenção:

— É de pouco tempo.

— Alpinista fumando? Não é normal — lembrou Alfredo.

— Não deve ser de alpinista — respondeu Oswaldo.

— De quem então? Nunca vi urubu fumando — brincou Alfredo.

— Alguém veio aqui em cima recentemente.

— Olhe aqui outra! — exclamou Márcia ao encontrar outra ponta de cigarro. — Que é

que você acha, Oswaldo?

— Pelo lado norte o pico permite a subida por dentro da mata. Deve vir gente aqui com frequência.

— E o que esse pessoal vem fazer aqui? — perguntou Alfredo, embora soubesse que ninguém poderia lhe dar uma resposta.

— São os vultos que seu Quinzinho diz ter visto lá de baixo — lembrou Márcia.

— E as luzes misteriosas devem ser de lanternas na escuridão — completou Alfredo.

— O que será que esses fumantes vêm fazer aqui à noite? — insistiu Oswaldo.

— Ô, cara, não es quente a cabeça que aqui é um lugar público — aconselhou Alfredo.

— Tudo bem, mas isto não é um parque, onde você vem passear e trazer as crianças. O acesso é tão difícil! Vou procurar descobrir o caminho que fazem.

— Então vá, que eu e Márcia temos um trabalho muito importante para fazer, não é, broto?

— Adivinhou!

Separaram-se em dois grupos. Oswaldo encaminhou-se para o lado norte, armado de máquina fotográfica e binóculo, enquanto Márcia e Alfredo dirigiam-se para o lado contrário, em busca de uma pedra mais destacada, onde ela pudesse escrever a mensagem.

— Olhe aqui, Márcia, uma ótima.

— Vamos improvisar um pincel, já que eu não trouxe.

— Você até parece que nunca foi grafiteira. Devia ter trazido tinta spray.

— Uma ecologista não usa spray — respondeu prontamente a menina.

— Falou, gatinha!

Abriram a lata de tinta e, com uma cunha e trapos de pano, fizeram um pincel.

Enquanto ela preparava-se para escrever a mensagem, Alfredo saiu para dar uma volta pelas proximidades.

Márcia mergulhou o pincel improvisado na lata de tinta e começou a desenhar um M. Tinha de ser bem grande, bem visível, bem chocante. Mais que uma mensagem, era uma afirmação de seu valor como alpinista e mulher.

O tempo passava. O sol pouco a pouco ia subindo no horizonte. Ela estava sozinha, inteiramente só com seus pensamentos, num lugar bem distante do mundo, como se fosse uma ilha deserta no meio do oceano. As letras iam saindo lentamente:

MÁRCIA ESTEV

Foi quando ouviu um grito:

— Esconda-se, Márcia!

Era a voz de Alfredo. Logo depois, um estampido. O pincel improvisado caiu de sua mão.

A sua frente estava um homem com um revólver apontado para ela.

— Levante as mãos, boneca.

O susto foi tão grande, que Márcia quase desfaleceu.

— Levante as mãos! — gritou o homem.

Ela elevou os braços de uma só vez, deixando cair a lata de tinta, que entornou no chão. Fez um movimento instintivo para apanhá-la, mas o grito do homem imobilizou-a:

— Quieta!

Diante do revólver, sentiu-se impotente. Procurou os amigos com os olhos, mas a única coisa que viu foi a expressão dura do desconhecido e a sucessão de pedras fechando o horizonte. Com a voz trêmula, perguntou:

— Que é que você quer? O dinheiro que tenho é pouco. Está todo aqui no bolso. Deixe-me tirar, que lhe entrego.

— Não quero dinheiro. Quero só que você fique quietinha. Se se comportar bem, nada de mau vai lhe acontecer.

— Seu nome é Márcia, não é?

Ela se espantou:

— Como você sabe meu nome?

— Nós lhe avisamos que não viesse.

— Avisaram como?

— Você não recebeu mensagens do Gavião Negro?

— Então era você? Eu pensei que fosse brincadeira.

O homem esboçou um leve sorriso:

— Mas foi bom que vocês viessem.

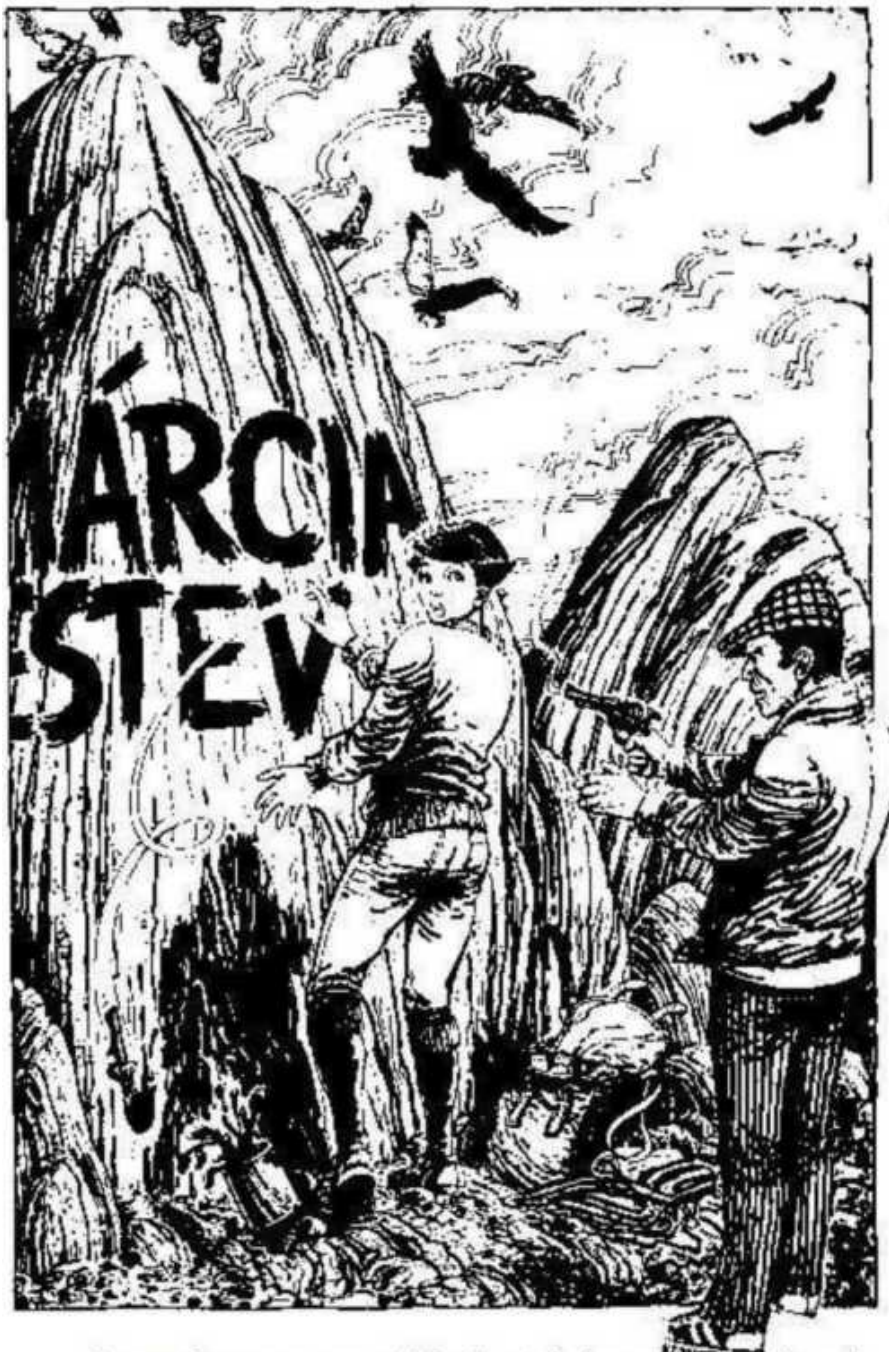
— Por quê?

— Não faça perguntas. Se quer voltar para casa de papai e mamãe, obedeça direitinho. Vamos tentar achar o seu companheiro magrelo, se é que ele não caiu lá embaixo.

Márcia sentiu um frio na espinha.

— Alfredo?

— O magrelo. Ele se assustou com o revólver, correu, escorregou com medo do tirinho que eu dei e acho que foi para o inferno.



*Pega de surpresa, Márcia até derrubou o pincel.
Nunca levava um susto tão grande em sua vida.*

Ela não pôde conter o choro e os gritos angustiados:

— Alfredo! Alfredo! Não pode ser. É mentira! É mentira! Alfredo! Alfreeeedoooo!

Ninguém respondeu. O homem comandou:

— Vamos andando. Pode chamar o seu amigo à vontade. Ele não vai responder.

— E Oswaldo, o outro? — perguntou ela.

— Está em boa companhia. Não se preocupe.

Márcia começou a andar à frente do homem, com os olhos percorrendo todos os cantos à procura de um indício de Alfredo, já que ele não respondia a seus gritos. Não queria acreditar numa queda. Ele devia estar escondido em qualquer lugar.

Vaguearam algum tempo pelo labirinto de pedras no alto do pico, até que começaram a ouvir, vindo de longe, um ruído constante e já conhecido.

Márcia apelou:

— Deixe eu baixar as minhas mãos, que já estou cansada. Não estou armada.

— Pode baixar, mas não tente fazer movimento algum.

O vento trouxe outra vez o ruído, que aumentava e se tornava agora bem audível.

— Roy! — gritou o homem. — Está ouvindo?

De um lugar qualquer, uma voz respondeu:

— Positivo.

— E aí?

— Fique frio. Aguarde! — comandou a voz.

Márcia notou que o homem a todo instante tirava os olhos dela e dirigia- os para o alto, buscando a origem do ruído. Ela começou a fazer planos de fuga. Rezou para que aquele ruído intrigante não cessasse, que o homem se distraísse e então...

Agora, o ruído era perfeitamente identificável: barulho de motor de helicóptero. À frente de Márcia, o homem mostrava-se cada vez mais agitado, muito embora tentasse aparentar tranquilidade. Tornou a gritar, chamando o companheiro:

— Roy!

A voz veio da distância, com uma ordem:

— Traga os dois para cá.

— Só tem a menina.

— E o outro? Deixou fugir?

— Caiu lá embaixo. Foi acidente. Escorregou e caiu.

— Melhor assim. Traga a mocinha para cá.

O som bem nítido do helicóptero demonstrava que ele se aproximava do pico. O bandido cada vez mais buscava o aparelho no ar e Márcia fazia a mesma coisa. Estariam os bandidos tramando levá-la para algum lugar longe dali? Voltou a pensar nos seus planos de fuga. Tinha de ser naquele momento, antes da chegada do aparelho. Não se deixaria levar para longe. Soltou um grito desesperado:

— OSWALDO!

— Cale a boca! — gritou o bandido. — Vamos, vá andando na minha frente.

De repente, a menina ouviu o seu nome gritado pela voz de Oswaldo:

— Márcia!

E foi só. Oswaldo não apareceu.

Enquanto era empurrada pelo labirinto de pedras que formava o cimo do Ninho dos Gaviões, Márcia notou que o helicóptero aproximava-se mais e mais. Sem dúvida, vinha na direção exata do morro. Quis olhar para trás, ver o aparelho agora bem próximo, mas o homem a impediu. Gritou:

— Abaixе-se e não tente olhar. Esconda-se atrás daquela pedra, vamos!

Sentiu o cano do revólver pressionando suas costas e, enquanto se abaixava, suas esperanças renasciam. Se o homem estava com medo de que os tripulantes do helicóptero os vissem, era porque não eram do bando. Seria a polícia? Mas como ela poderia saber?

O homem também abaixou-se por trás dela, tentando esconder-se do aparelho. Márcia não tinha mais dúvida. Era a salvação. Tinha de fazer qualquer coisa para dar um sinal. Mas, como? O desconfortante cano do revólver, pressionando suas costas, tirava-lhe a iniciativa.

O helicóptero chegou bem perto do Ninho dos Gaviões.

Márcia rezava baixinho para que fosse vista e resgatada, mas chegou quase ao desespero, quando notou que o ruído salvador, ao invés de prosseguir em direção ao morro, afastava-se sem nada fazer.

O homem continuava abaixado, mantendo o revólver enfiado em suas costelas, até que o ruído no céu foi se modificando, diminuindo, tornando-se um barulho longínquo, que acabou por cessar de vez.

— Levante-se! — ordenou o homem.

Márcia obedeceu e foi obrigada a seguir por um caminho entre grandes pedras, onde um mato resistente brotava, aproveitando um pouco da terra que existia. Quanto mais andava, mais sentia que o pico formava uma ladeira, a princípio suave, mas que a cada passo se tornava mais íngreme. Para onde estava sendo conduzida?

O barulho do helicóptero recomeçou bem perto, como se tivesse levantado vôo a partir do sopé da montanha. Outra vez o homem ficou perturbado e gritou:

— Roy!

De algum lugar, não muito longe, veio a resposta:

— Esconda-se e fique quieto.

O aparelho, a baixa altura, sobrevoou o cimo do morro. Márcia levantou a cabeça para olhar, mas levou um tapa:

— Não se mexa.

O helicóptero passou, foi adiante, deu uma volta e por longo tempo seu ruído foi escutado. Agora estava mais próximo. Márcia sentia o coração bater descompassado, na esperança de que fosse vista. Sem dúvida estavam procurando um lugar para a aterrissagem.

De repente, um tiro explodiu no ar. Ela tomou um susto tão grande, que quase rolou encosta abaixo. Antes que se recuperasse, já outro estampido ecoava bem perto.

O helicóptero começou a se afastar. Voltou. Foi recebido com outros tiros.

Tornou a afastar-se. Voou para longe.

Apesar de manter Márcia sob a mira de seu revólver, o homem estava muito preocupado com as evoluções do aparelho. Todos os tiros tinham sido disparados por seu companheiro, ou companheiros, que Márcia ainda não tinha visto.

— Duca! — chamou uma voz, provavelmente a de Roy.

— Fale!

— Amarre a moça.

O homem perguntou a Márcia:

— Onde estão as cordas que vocês trouxeram?

Ela estava nervosa, a cabeça confusa, tudo aquilo parecendo um longo pesadelo. Não ouviu a pergunta. Estava pensando em Alfredo. Teria morrido mesmo? Era doloroso demais para ser verdade.

— Cadê as cordas, menina?

— Estão lá... lá perto de onde eu estava escrevendo.

— Vamos lá.

O homem andava com segurança entre as pedras. Márcia olhou para cima e ainda viu o helicóptero se distanciando no céu azul. Teriam desistido? Com o coração parecendo explodir, as pernas trôpegas, avançou por caminhos ora estreitos, ora largos, até o lugar onde estivera escrevendo a mensagem. Na pedra estavam bem claras as palavras da frase inacabada: "Márcia estev...".

O homem abaixou-se, apanhou uma corda, segurou o braço da menina, virou-o de encontro às costas e torceu:

— Uii! — ela deu um grito.

Mantendo o braço de sua prisioneira seguro, ele pôs o revólver na cintura e amarrou-lhe os dois pulsos às costas. No mesmo instante, ela viu surgir à sua frente uma pessoa muito familiar.

— Oswaldo!

Márcia não reprimiu o grito de alegria ao ver o rapaz, conduzido por um outro homem desconhecido, que depois percebeu tratar-se de Roy.

— Márcia! — respondeu Oswaldo. — Você está bem?

— Estou... — disse ela abatida.

Oswaldo teve as mãos também presas às costas e amarradas junto com as da menina. Depois, enquanto Roy mantinha vigilância, com o revólver apontado para os dois, Duca prendia também os tornozelos dos dois amigos, mantendo-os imobilizados e de costas um para o outro.

Os bandidos afastaram-se sem nada dizer. O ruído do helicóptero estava distante agora.

16

E ALFREDO?

— Onde estará Alfredo? — perguntou Márcia angustiada, engolindo as lágrimas.

— Não sei — respondeu Oswaldo. Também ele sentia um nó na garganta, que o impedia de falar. — Quando nos separamos, ele ficou contigo.

— Eu fui escrever a mensagem na pedra e ele saiu para dar uma volta. Depois, escutei só o seu grito, avisando-me dos bandidos. Ouvi um tiro e logo tinha um cara com um revólver em cima de mim. Não sei de mais nada. E você, Oswaldo? Ouvi sua resposta ao meu chamado e só.

— Eu também estava com um cano de revólver em minhas costas. O bandido não me deixou aparecer.

— Como pegaram você?

— Eu saí para fazer um reconhecimento do morro, quando... Espere! Olhe o helicóptero voltando!

Márcia e Oswaldo olharam para o alto e viram quando o aparelho tornou a se aproximar e, ao invés de vir direto ao pico, tangenciar para o norte, demorando em sobrevoar todo o flanco desconhecido da montanha, que era cercado de florestas. Roy e Duca correram para junto dos prisioneiros, armas à mão, olhos fitos no céu, acompanhando as evoluções.

— O melhor é a gente ir liquidando logo estes dois — falou Duca, apontando o revólver para Márcia e Oswaldo.

— Espere aí, Duca. A gente precisa sair daqui levando eles. Enquanto estiverem vivos ninguém vai atacar. Aqui o helicóptero não desce.

17

A NEGOCIAÇÃO

O aparelho voou diretamente para o morro a baixa altitude, demonstrando claramente

que os bandidos e seus reféns já tinham sido vistos.

Enquanto Duca apontava o revólver para a cabeça de Márcia, Roy direcionava o seu para o alto, ameaçando o aparelho. Este continuou descendo e quando estava bem em cima do grupo deixou cair um pequeno pára-quedas com algo pendurado.

O vento levou o pára-quedas adiante e, enquanto o helicóptero tornava a ganhar altura, Duca correu em busca do pacote, alcançando-o trinta metros além. Voltou de lá com uma caixa nas mãos. Roy abriu-a, tirando um rádio transceptor, com indicação da frequência em que deveria ser usado. A polícia estava querendo negociar a vida dos reféns.

Roy afastou-se do grupo, para que Márcia e Oswaldo não o escutassem falar ao rádio. Ligou o aparelho e depois de alguns zumbidos ouviu uma voz que certamente vinha do helicóptero:

— *Aqui fala o delegado Santini. Já descobrimos tudo e vamos atacar. Soltem os reféns, que será muito melhor para vocês.*

— Olhe aí, delegado, muito obrigado pelo presente do rádio, mas não estamos precisando de ajuda — ironizou Roy.

— *Não é hora para fazer gracinhas* — respondeu o delegado. — *Soltem o rapaz e a moça e deponham as armas.*

— O rapaz e a moça estão muito bem em nossa companhia. Quanto às armas, se estão precisando delas, venham buscá-las.

O aparelho fazia repetidos círculos em torno do pico. A voz do delegado surgiu outra vez no rádio:

— *Não esperem ajuda. Vocês estão cercados.*

— Nós estamos muito bem, delegado. Se tentarem descer, vão encontrar dois cadáveres, e juro que não serão os nossos — ameaçou Roy.

— *Você está blefando, sabe que está perdido. É melhor se entregar e pegar uma pena bem mais suave* — insistiu o delegado.

— Nós vamos sair daqui, delegado, ajudados pela polícia.

— *Desista. Vocês estão perdidos. Ponham as armas no chão e levantem as mãos, que vamos descer.*

Mas o bandido estava confiante:

— Vão ser recebidos a bala, mas primeiro mataremos o casal. A vida deles está nas suas mãos.

— *A pena por tráfico de drogas é menor que a por assassinato.*

— Isso não altera a situação. Se o helicóptero tocar no chão, você será responsável pela morte dos dois. Primeiro a mocinha, depois o rapaz.

— *Todos os caminhos estão fechados. Vocês não conseguirão fugir* — continuava a insistir o delegado.

— Isso veremos. E chega de conversa fiada. Afastem-se, que vamos sair e levar os dois. Queremos campo limpo.

O helicóptero afastou-se do morro vagarosamente. Oswaldo e Márcia, angustiados, ouviram o ruído diminuir rapidamente.

— Meu Deus! Estão indo embora — exclamou Márcia.

— Não sei. Devem ter algum plano. Eu já não estou aguentando esta espera — respondeu Oswaldo.

Os dois bandidos aproximaram-se e, enquanto Roy mantinha os alpinistas sob a mira do revólver, Duca desmanchava os nós que prendiam os pés de ambos, deixando-os apenas com

as mãos amarradas às costas.

— Vamos. Sigam em frente — comandou Roy.

— Para onde vão nos levar? — quis saber Márcia aflita.

— Fique quieta, menina. Não pergunte nada. Obedeça. Vamos dar um passeio e, se a polícia não fizer gracinhas...

Oswaldo pediu:

— O helicóptero foi embora. Fugam e nos deixem aqui.

O homem riu:

— Fugir e ser preso lá embaixo? Não quero mais papo-furado. Quem manda aqui sou eu.

Vamos depressa.

Inesperadamente, porém, o helicóptero fez uma volta distante e retornou.

O bandido enfureceu-se:

— Estão vendo? A polícia não tem palavra. Vamos continuar saindo e, se eles se aproximarem, azar de vocês.

Encostou o cano do revólver nas costas de Márcia e empurrou:

— Andem logo.

Saíram caminhando entre as grandes pedras para o lado norte, onde o pico descia em patamares para a floresta. Oswaldo e Márcia andavam com dificuldade no solo irregular e em declive, já que as mãos presas às costas e os tênis de alpinista, muito apertados, prejudicavam o equilíbrio.

No céu, o ruído do motor tornou-se mais forte e, depois de uma curva no ar, o aparelho dirigiu-se diretamente para o morro, iniciando a manobra de aterrissagem.

Quando já estava bem próximo do solo, Roy apontou o revólver para Oswaldo e Duca fez mira na cabeça de Márcia.

Dois tiros explodiram no ar.

Márcia e Oswaldo fizeram um gesto involuntário de defesa, abaixando-se, mas foram Duca e Roy que ao mesmo tempo soltaram um grito de dor e deixaram cair as respectivas armas.

— Mãos para o alto! — gritou uma voz forte às suas costas.

Os bandidos não tiveram tempo de esboçar qualquer reação, porque, de trás das pedras, surgiram, como por encanto, uma dezena de soldados armados de escopetas. Duca tinha um braço sangrando e Roy, o ombro machucado. Os policiais, revistaram os dois homens em busca de mais armas e depois prenderam seus pulsos com algemas.

As cordas que uniam Márcia e Oswaldo foram desamarradas e, enquanto eles procuravam entender o que se passava, à pequena distância, o helicóptero descia levantando um turbilhão de poeira e folhas secas.

O sargento que comandara a operação de captura dos bandidos encaminhou-se para o aparelho e quando Márcia e Oswaldo iam fazer o mesmo, ouviram um grito vindo ali de perto:

— Márcia!... Oswaldo!...

Era Alfredo, que também surgia “milagrosamente” de entre as pedras. O abraço dos três foi regado a lágrimas emocionadas.

Depois, Márcia conseguiu perguntar:
— Ô!, cachorrão, onde você estava?



Apavorados, os dois alpinistas se protegiam da troca de tiros entre a polícia e os bandidos.

Alfredo foi contando sua história, enquanto encaminhavam-se para o helicóptero que, já pousado, reduzia agora a velocidade da hélice.

— Depois que deixei você escrevendo a mensagem, fui andar um pouco por aí, quando, de repente, vi um homem com um revólver na mão. Tomei um susto tão danado, que não sei como não me rebentei lá embaixo. Corri para me esconder atrás de uma pedra. Ele me viu e atirou sem mais nem menos. Foi aí que gritei seu nome e saí agachado, correndo por trás das pedras.

Mais calma, Márcia brincou:

— E me deixou na mão do bandido.

— Que podia fazer? Estava desarmado.

— Que adiantaria estar armado? — brincou Oswaldo. — Você não sabe atirar nem de estilingue.

— Ainda bem. Não sou de briga, sou do amor.

— E esse tempo todo você ficou escondido? — perguntou Márcia.

— Estava aí atrás, acompanhando toda a movimentação de vocês, até que vi o helicóptero.

Já estavam chegando junto do aparelho e viram que dele desceram o delegado Santini e dois policiais.

Depois de conversar um pouco com o sargento, o delegado dirigiu-se aos três alpinistas:

— Passaram maus momentos, hein?

— Mas o final foi feliz — respondeu Oswaldo.

— Agora vocês têm uma bela história para contar. Aproveitem.

Oswaldo quis saber:

— Falta-nos entender o final. Como a polícia nos descobriu aqui?

O delegado sorriu:

— Já os estávamos esperando.

— Nos esperando? — espantou-se Alfredo.

— Depois eu conto com detalhes — esquivou-se o delegado.

Márcia não se conformou:

— De onde vieram tantos soldados, assim de repente?

— Eles já estavam aqui próximos, esperando apenas o momento de agir.

— Como?... — Alfredo ia fazendo uma pergunta, quando o delegado o interrompeu:

— Tenham paciência, agora precisamos terminar nosso trabalho. Vou precisar do depoimento de vocês em São Paulo e então contarei tudo.

Deu dois passos para se afastar, mas logo depois retornou e disse:

— Terminado nosso trabalho, nós vamos embora, mas vocês fiquem, que terão visita.

— Visita? — perguntaram os três ao mesmo tempo.

Antes que o delegado respondesse, um pontinho destacou-se no céu, à distância.

Ante os olhos espantados de Oswaldo, Márcia e Alfredo, o pontinho cresceu, virou um helicóptero, desceu no alto do pico e dele desembarcaram um repórter e um cinegrafista.

Márcia, quando os viu com toda a parafernália para uma filmagem, disse baixinho para os amigos:

— Só faltava esta! Será possível? A TV Panorama do tal Marco Antônio, amigo do Ronaldo...

Alfredo interrompeu:

— Olhem! Não é a TV Panorama, é a Bonsucesso!

Era, de fato, a TV Bonsucesso, rival da Panorama, que também aparecia “milagrosamente” para fazer o furo de reportagem. Ademir, o repórter, não quis ou não soube dar melhores explicações de como a direção da emissora tivera conhecimento da escalada. Acrescentou:

— Esta reportagem era para ser feita ontem, durante a subida ao pico, mas a polícia nos

impediu porque estava em operação.

— A polícia estava ontem aqui? — estranhou Márcia.

Alfredo lembrou:

— Ontem avistamos daqui de cima um carro lá na vila, lembra?

— Que ainda estava hoje — acrescentou Oswaldo.

— Estávamos cercados — brincou Alfredo. — Bandidos em cima, polícia embaixo.

O cinegrafista ainda teve tempo de fazer algumas tomadas dos soldados e bandidos e gravar um rápido depoimento do delegado antes que estes deixassem o alto do pico.

Agora o assunto era alpinismo, e Márcia, Oswaldo e Alfredo foram convocados a repetir muitos lances da escalada enquanto eram feitas as filmagens. Alfredo recomendou:

— Capriche aí, gatinha, que você agora é artista de televisão.

O resto da manhã e o início da tarde foram ocupados na gravação da reportagem. Terminada esta, os excursionistas pegaram uma carona no helicóptero da equipe da TV Bonsucesso para buscar a barraca e o restante da bagagem que tinham ficado no sopé do pico, e dali voaram até a vila de Paramim.

Seu Manuel, seu Quinzinho e todo o pessoal da vila vieram recebê-los com festas. A praça encheu-se de curiosos que queriam ver o helicóptero de perto. Se o assunto do dia anterior havia sido a presença da polícia, hoje era a vez dos excursionistas e do pessoal da televisão estarem presentes em todas as conversas.

O almoço na venda de seu Manuel, galinha e linguiça frita “para variar”, foi devorado com valentia, principalmente pelo magrelo do Alfredo.

Márcia aproveitou um momento em que ficou a sós com seu Quinzinho para desfazer a lenda da montanha maldita:

— Não eram fantasmas que andavam no alto do pico, seu Quinzinho, eram bandidos. As luzes encantadas eram simplesmente lanternas.

Mas o velho não se convenceu:

— Que nada, mocinha. Gente é gente, alma é alma. Conheço uma e outra.

— Mas nós fomos até lá em cima e vimos com nossos próprios olhos...

— Chegaram até lá, mas iam se dando mal. Ninguém pode subir ali, que o pico é maldito.

Ela desistiu de convencê-lo e foi juntar-se a Oswaldo e Alfredo, que terminavam de arrumar a bagagem no carro, preparando-se para a volta a São Paulo.

No dia seguinte, Oswaldo, Márcia e Alfredo compareceram à delegacia policial para contar com detalhes tudo o que acontecera desde que, no alto do pico, tinham se tornado reféns dos bandidos.

Os três amigos estavam curiosos de saber também quem eram os bandidos, como e por que a polícia estava no local.

Santini não se recusou a responder:

— O Ninho dos Gaviões não era um ninho de gaviões, era um covil de bandidos — começou o delegado, rindo. — No lado norte, dentro da mata, a quadrilha mantinha um laboratório onde refinava cocaína. A pasta vinha da Bolívia, entrava pela fronteira do Mato Grosso e chegava até aqui para ser refinada e distribuída. Encontramos muita pasta de coca e

acetona nos galpões.

— Como eles construíram este laboratório dentro do mato? — perguntou Oswaldo.

— Era o casarão de uma velha fazenda de café. O chefe da quadrilha arrendou o sítio e o mantinha com a aparência de uma chácara para passar fins de semana. Ele fica à margem de uma estrada de terra pouco usada, atrás do Ninho dos Gaviões, protegida de olhares indiscretos. Do alto do pico, entretanto, a situação é outra. Lá de cima se tem uma visão completa do local e foi por isso que os bandidos fizeram de tudo para que ninguém o escalasse.

Oswaldo interrompeu:

— Eu cheguei a ver um galpão no meio do mato; foi quando o bandido me pegou. Confesso que nunca iria desconfiar que ali era um laboratório para o refino de cocaína.

— Você, não — respondeu o delegado. — Mas eles tinham de impedir o acesso ao pico. Porque primeiro viriam vocês, depois outros, reportagens de emissoras de televisão, o local acabaria se tornando conhecido e a tranquilidade da quadrilha ficaria ameaçada. Para protegê-la, os bandidos haviam até criado lendas em torno do lugar: morte de alpinistas, almas penadas, luzes misteriosas, sei lá mais o quê.

Márcia estava de olhos arregalados:

— Um dos bandidos me contou que foram eles que andaram me mandando bilhetes com ameaças.

— Você também os recebeu? — perguntou o delegado.

— Recebi. Alguém mais os recebeu?

— Ronaldo.

— Ronaldo? Eu cheguei mesmo a desconfiar que era o próprio que me mandava as cartas com ameaças! — disse a menina surpresa. E em seguida: — Como os bandidos descobriram que íamos fazer a excursão?

O delegado foi pronto na resposta:

— Foi fácil. A quadrilha sabia que o clube ia fazer uma escalada ao Ninho dos Gaviões. Na vila de Paramim, a notícia de que Ronaldo e Marco Antônio haviam estado lá e contado suas intenções corria solta. Na reunião pública em que vocês se revoltaram contra Ronaldo, dois dos bandidos estavam presentes.

Depois eles seguiram vocês até a lanchonete e escutaram toda a conversa em que foi planejada a escalada independente de Ronaldo. Seguir a Márcia e descobrir o endereço dela foi sopa, assim como o de Ronaldo.

— Como a polícia descobriu a história toda? — perguntou Oswaldo.

— É uma história comprida. — O delegado fez uma pausa e continuou: — Tudo começou com as investigações sobre o roubo do clube que nos apontaram dois suspeitos: Oswaldo e Dagomir:

— Eu e o Dagomir? — espantou-se Oswaldo.

— Claro. Primeiro: vocês não apresentaram razões convincentes para estarem naquele dia no clube. Segundo: conforme informação do Ronaldo, vocês estariam formando um grupo dissidente, que não concordava com a turma escolhida para a escalada ao pico, o que justificaria o roubo das fotos e dos *slides* para dificultar a operação. Entretanto, ainda não eram razões suficientes para incriminá-los. Vocês eram apenas suspeitos. Com a morte de Nenê...

— Quem é Nenê? — perguntaram Alfredo e Márcia ao mesmo tempo.

— Nenê — esclareceu o delegado — era um traficante, velho conhecido da polícia. Foi ele quem mandou os bilhetes de ameaça e ainda tentou matar Dagomir, atropelando-o. Foi o

seu erro. O chefe da quadrilha não gostou, tiveram uma discussão e Nenê foi encontrado morto dentro de um fusca em Guarulhos. Dentro da mala do carro encontramos, sabem o quê? As fotos e os *slides* do Ninho dos Gaviões...

— Então foi ele quem roubou? — indagou Oswaldo.

— Com certeza, mas naquele momento pensamos que vocês tinham alguma ligação com ele.

— Estavam a fim de nos pôr em cana, hein? — brincou Alfredo.

— Estávamos a fim de pôr bandidos na cadeia. As fotos e os *slides* do Ninho dos Gaviões no carro do Nenê foram quase uma confissão de que no pico devia haver algum interesse por parte dos traficantes. Se não, por que iam se arriscar num roubo para apanhar fotos de montanhas? Mandamos investigadores disfarçados para a região, que logo descobriram um movimento incomum de carros e caminhonetes na chácara. Um vôo em helicóptero particular confirmou nossas suspeitas. Das investigações que tivemos de proceder constou também a necessidade de ouvirmos outra vez Oswaldo e Dagomir. Procuramos Oswaldo, mas ele não estava em São Paulo. Ouvimos Dagomir e foi aí que nossas suspeitas se tornaram quase uma certeza.

— De que éramos bandidos? — perguntou Oswaldo.

— Pelo menos que tinham alguma ligação com a quadrilha.

— Por quê?

— Porque Dagomir nos contou que sofrera um acidente mal explicado, provocado por um fusca branco, cuja descrição correspondia ao carro em que Nenê fora morto. Dagomir declarou que vocês três tinham ido fazer a escalada ao Ninho dos Gaviões. Pensamos então que a excursão fosse apenas um disfarce para encobrir outras atividades. Desencadeamos então, anteontem, uma operação de ataque à refinaria clandestina, prendendo grande parte da quadrilha. Roy e Duca conseguiram fugir e se refugiaram no alto do pico.

— Quer dizer que a polícia estava ali para nos prender e não para nos salvar? — perguntou Alfredo.

O delegado sorriu:

— A polícia veio prender os bandidos. Vocês estavam apenas sob observação. Mas chegamos num bom momento, hein? Do helicóptero vimos que estavam em apuros, transformados em reféns. O resto da história vocês viveram.

Naquela noite, na casa de Dagomir, que ainda permanecia engessado, reuniram-se Oswaldo, Márcia, Alfredo e Tânia, para juntos assistir ao noticiário da TV Bonsucesso, onde seria apresentada uma reportagem especial sobre os alpinistas e a captura dos bandidos.

Antes de começar o programa, o bate-papo esteve muito animado, com os excursionistas contando detalhes da escalada, até que Alfredo fez um comentário e uma pergunta que estava intrigando a todos:

— O melhor de tudo é que a TV Bonsucesso passou a perna na Panorama. Como eles souberam de nossa escalada?

Dagomir não pôde esconder o riso. Riso que contagiou Tânia, que acabou, por sua vez, confessando que eles próprios tinham telefonado para a emissora, dando o furo de

reportagem.

Não longe dali, Ronaldo e Marco Antônio assistiam, desesperados, através da TV Bonsucesso, toda a história da excursão, contada por Márcia, Oswaldo e Alfredo. O delegado também deu o seu depoimento, mas os alpinistas dominaram o programa, descrevendo os lances da escalada, deixando-se filmar nas passagens mais difíceis e fazendo a reconstituição das cenas policiais.

Mas foi no final do programa que Ronaldo e Marco Antônio sentiram que haviam sido definitivamente passados para trás. A reportagem encerrava-se com os três amigos abraçados diante de uma pedra, na qual estava escrito com letras bem grandes: MÁRCIA, OSWALDO E ALFREDO ESTIVERAM AQUI.



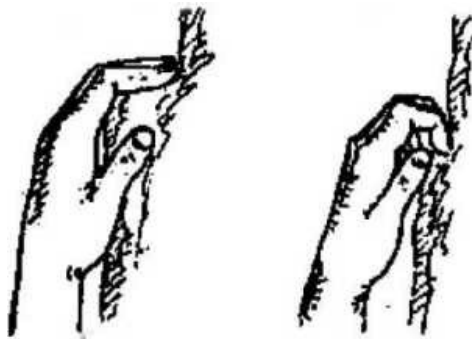
Enquanto os excursionistas davam boas risadas, Ronaldo e Marco Antônio se desesperavam diante da TV.

FIM

ALPINISMO

de A a Z

Agarras — Pequenas saliências ou reentrâncias das rochas, que servem de apoio para as mãos ou os pés do escalador.



Alpinismo — Esporte cuja atividade é a subida em montanhas. Seu nome deriva de Alpes, cadeia de montanhas da Europa Central, na qual foram feitas as primeiras escaladas e onde até hoje o esporte é praticado intensamente. Nos tempos modernos, o primeiro homem a realizar uma escalada de montanha foi o professor suíço Horace Bénédict de Saussure, em 1760, ao Brévant. Em 1786, Michel Paccard e Jacques Balmat chegaram ao cume do monte Branco (nos Alpes suíços) a 4.807 m de altura. No ano seguinte, Balmat conduziu uma excursão com dezenove pessoas ao alto do monte Branco, sendo considerado este fato o início do alpinismo.

Anorak — Casaco usado contra a chuva.

Baudrier — Cinta de segurança que serve para proteger os esportistas em lances de grande dificuldade ou para descer alpinistas acidentados. Ver *cadeirinha*.

Bivaque — É o pernoite com o mínimo de recursos artificiais. Às vezes, com apenas um saco de dormir.

Brocas — Peças de aço duro para furar a rocha e colocar grampos.



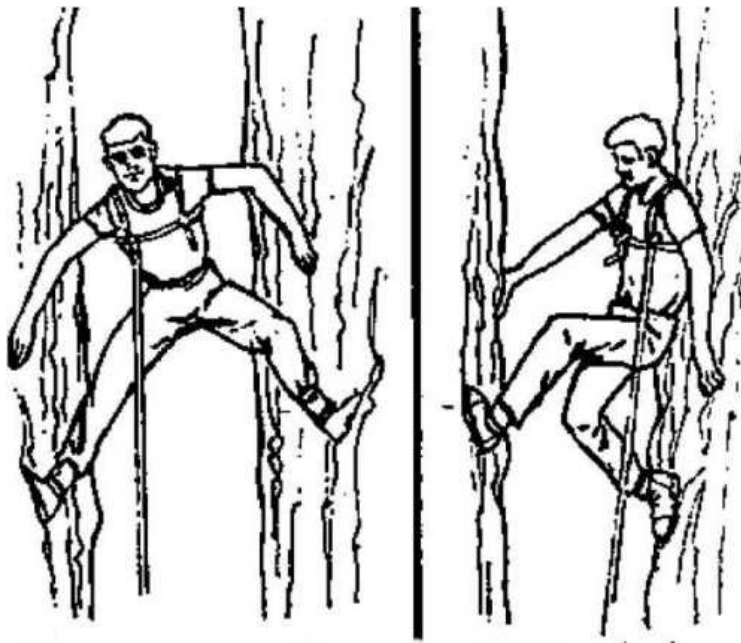
Cadeirinha — Espécie de *baudrier* em que a pessoa vai sentada.



Calçados — Tênis especiais de sola lisa e bastante dura. Ficam sempre apertados nos pés para dar firmeza.

Capacete — Cobre apenas o alto da cabeça, protegendo-a de tombos ou de pedras caídas.

Chaminé — São chamadas assim as aberturas entre duas paredes próximas de uma montanha. O alpinista introduz-se entre elas, apoiando-se com os pés, mãos e até com as costas.

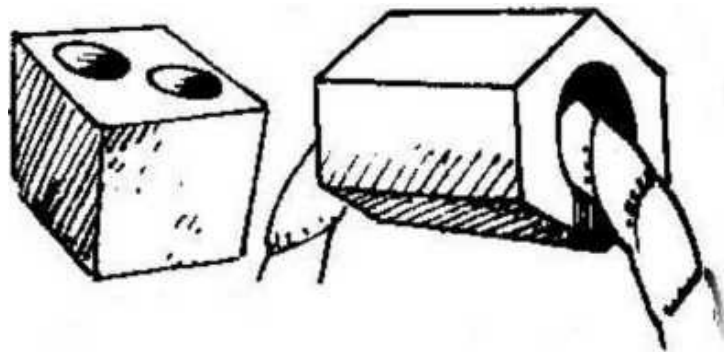


Conquista — A primeira escalada de um pico.

Corda — Muito usada em alpinismo. É feita de perlon, uma fibra sintética, em diversas espessuras.

Cordada — Método usado em alpinismo em que dois ou mais escaladores são atados a uma corda. Normalmente são dois; no gelo, usa-se cordada de três.

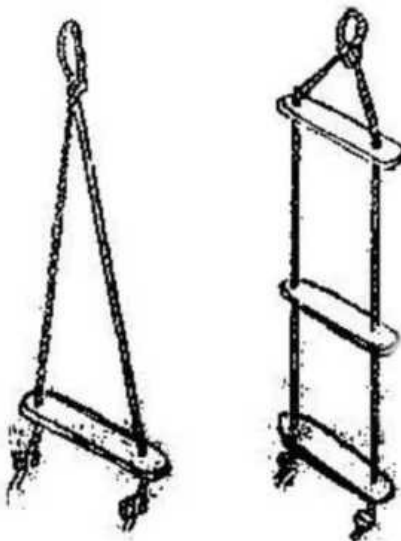
Cunha — Peça de madeira ou duralumínio, com formato especial, que é colocada em fissuras para auxiliar a segurança.



Descida — A descida é feita com auxílio de cordas. No sistema mais conhecido (Rapel), o alpinista fixa a corda em um grampo e deixa-se deslizar por ela, controlando a velocidade por um aparelho chama do oito.



Estribo — Pequena escada de corda, com degraus de madeira ou de duralumínio, para lances de grande dificuldade.



Fifi — Dispositivo de metal para prender o estribo aos grampos.

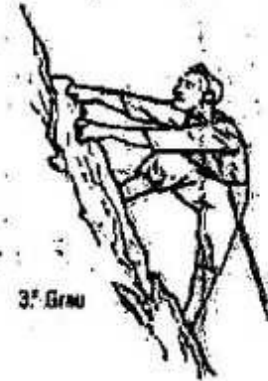


Fissuras — Fendas nas rochas, de larguras e profundidades variadas.

Grampos ou pitons Peças de ferro, de tamanho e forma variados, com uma argola na extremidade. Fixados à rocha, servem para dar segurança



Grau — Dependendo do tipo de montanha, classificam-se as dificuldades para escalá-la em seis graus. As de 1º grau são mais fáceis; já as de 6º grau, só escaladores muito experimentados conseguem vencê-las. Uma montanha pode apresentar dificuldades de diversos graus.



Guia — É o alpinista mais experimentado e que conduz um grupo para uma escalada.

Jumar — Aparelho de metal que se prenda à corda para auxiliar na subida.



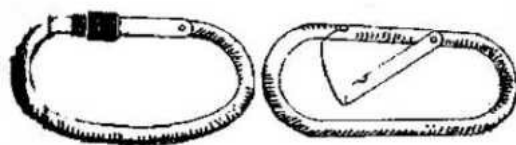
Martelete — Pequeno martelo para a colocação de grampos e de pregos de expansão.



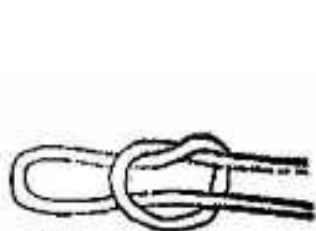
Mochila de ataque: Mochila onde os alpinistas levam seus materiais e que vai presa às Costas.



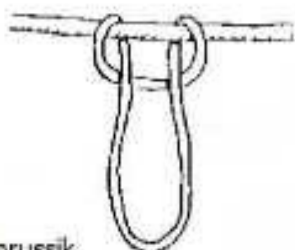
Mosquetão — Argola de forma oval feita em duralumínio. Tem uma parte fixa e uma móvel que se fecha por intermédio de uma mola. É preso aos grampos, passando por seu interior a corda de segurança.



Nó — A técnica de bem sabor dar nós em cordas é importantíssima em alpinismo. Existe uma enorme variedade de nós, cada um com sua finalidade.



Nó de correr simples

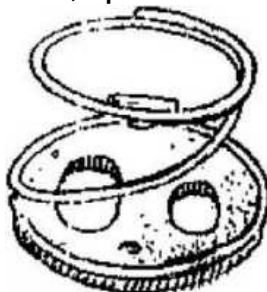


Nó prussik



Nó de
correr duplo

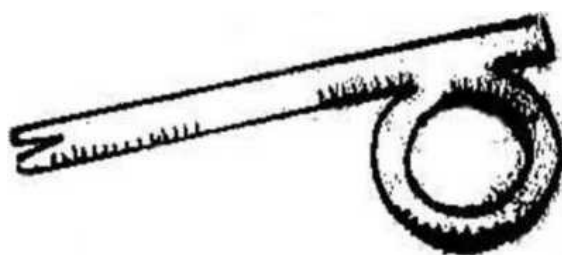
Oito — Peça de metal em forma de 8, que controla a velocidade nas descidas.



Piton — Ver grampo.

Pó de magnésio — Usado para secar as mãos durante as es caladas.

Prego de expansão — Peça de ferro que é colocada firme mente nas rochas, para dar maior segurança.



Rapel — Ver *descida*.

Vestimenta — As roupas devam ser de tecido sintético e resistente. Nem muito justas,

nem folgadas, para facilitar os movimentos.

BESSIÈRE, PAUL. *L'Alpinisme*. Paris, Presses Universitaires de France, 1974.

GASQUES, MARCUS VINÍCIUS. *Pé na trilha*. São Paulo, Traço Editora, 1986.

SOUSA, LUIZ CARLOS GUEDES FREIRE DE. *Manual do escalador*. São Paulo, Papelivros, s.d.

O FASCÍNIO do alpinismo. *Revista Geográfica Universal*, Rio de Janeiro, Bloch Editores S.A., jul. 75.

ENCICLOPÉDIA Mirador Internacional. São Paulo/Rio de Janeiro, Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda. 1976.